

CEDI - P. I. B.
DATA 04/09/86
COD. 061001

Rio

MUTAI

POPULAÇÃO INDÍGENA

levantamento

Relatório de YEFE - CIMI-OPAN

meio/ano
1979

POVOS INDIGENAS NO JUTAÍ
UMA HISTÓRIA DE ~~ESPERANÇA~~ MORTE E ESPERANÇA

I N D I C E

I - INTRODUÇÃO

- . objetivo do trabalho - levantamento
- . principais dificuldades para um levantamento completo da população indígena e sua realidade
- . *Relação de Tefe - amapa (1961)*

II - JUTAÍ : PASSADO E PRESENTE - UM DRAMA QUE CONTINUA

- . algumas informações sobre a povoação indígena do Jutai no passado
- . a presença portuguesa e espanhola: drogas do sertão guerras de fronteira, missões, ~~ass~~ceginção .
- . a borracha: a tragédia dos seringueiros no passado e no presente.
- . decadência atual e incertezas do amanhã.

III - LEVANTAMENTO E SITUAÇÃO ATUAL DA POPULAÇÃO INDIGENA

- . Rio Jutai:- Kulinhas e TUKUNAS
- . Rio Biá:- Katukinas e Kulinhas
- . Jutaizinho:- Kanamari e Tucano *(Município de Jutai)*

IV - PERSPECIIVAS DE TRABALHO

- ▮ Mentalização - conscientização: o problema para o índio é o branco e seu sistema.
- . O índio destribalizado dos centros, vilas e seringais
- . O trabalho com os índios das aldeias: equipe OPAN-CIMI;
- ; Perspectivas de uma vida humana para os seringueiros

V - CONCLUSÃO

VI - ANEXOS

1. Opinião e informações dos seringueiros sobre os índios
2. A DRAMÁTICA SITUAÇÃO DA POPULAÇÃO DO JUTAÍ
— depoimentos —

I - INTRODUÇÃO

. Objetivos do trabalho - levantamento

Já a algum tempo a Prelazia de Tefé vinha manifestando sua preocupação com a população indigena existente nas 9 paróquias que compoem essa Prelazia, com uma área de ^{356.733} km². Com a preocupação de uma presença e serviço mais direto a esses povos através de uma pastoral específica, D. Joaquim solicitou várias vezes nos últimos anos à Operação Anchieta-Opam, voluntários para atuar junto aos povos indigenas da Prelazia. Por ocasião dos festejos de seus 25 anos de Bispo, ^{em 1979} D. Joaquim lembrava que seu maior desejo era poder ainda fazer alguma coisa pela população indigena de sua prelazia. Em 1979 se inicia a realização desse desejo com a participação das Irmãzinhas de Foucoud, representante da OPAN e do CIMI na Assembléia de Pastoral da Prelazia para um primeiro contato com a realidade da região e programação das etapas para a fixação de equipes de trabalho junto aos índios.

O primeiro passo concreto foi dado através deste levantamento, que embora ainda parcial, dá uma amostragem da população indigena e sua situação atual. Com isso também já se tornou possível prever os lugares ~~melhores~~ para a localização das equipes que deverão iniciar o trabalho a partir do segundo semestre desse ano (OPAN-CIMI) e início do próximo ano (Irmãzinhas de Foucoud)

. Principais dificuldades para um levantamento completo da população indigena e sua realidade.

1. ^{INDÍAS}INDÍOS FORA DA ALDEIA ^{MALOCAS}

Nessa época do inverno os Katukina estavam todos para o "centro" (da mata) tirando sorva, fazendo budaco ^(carvo) novo ou tirando popunha e fazendo caiçuma (bebida para suas festas). Por isso o recenseamento só por informação e contato com alguns pode não ser muito exato.

Outros, como Os Kanamari e Lulinas, estavam visitando seus parentes das outras malocas na mesma região e no Juruá (Três Unidos, Uóbiŷ).

Outros ainda estavam trabalhando para patrões como os Kulina do tuchau Armando, no Juruzinho, Os Katukina de Paxiuba, com o D. Paulo no Jurará....

2. UMA MALOCA PARA O INVERNO OUTRA PARA O VERÃO

Esse fato é bastante comum. Por. ex. Os Katukina do Marauá no inverno estão numa maloca nas cabeceiras do Taboca Grande e no Verão nas margens do Biá. O mesmo acontece com os Kulinas da maloca Extrema, que agora no inverno estavam dentro do igarapé da Maloca e no inverno estão às margens do Jutai. Com isso fica um tanto difícil determinar o local fixo e permanente de cada maloca. ~~XX~~
Além disso existe a mudança de maloca motivada pela rotatividade das roças, abundância de caça, mortes e outros motivos.

3. DIFICULDADE DE COMUNICAÇÃO, O "ESQUECIMENTO" DOS INFORMANTES

Com alguns grupos, especialmente Katukina, onde a maioria compreende muito mal o português ou não entende nada (especialmente mulheres e crianças) houve certa dificuldade em obter dados mais precisos a respeito do parentesco e mesmo do número de famílias e pessoas. Além disso algumas vezes se percebia que não sentiam motivação para ficar lembrando o nome de todas as famílias - "E só" - e daqui a pouco começavam a aparecer o nome de mais famílias

4. INDIO DESTRIBALIZADO (genérico- aculturado-~~integrado~~)

É bastante difícil obter informações a respeito desta população indígena, que é numerosa na região porque:

a. a maioria dessas pessoas tem vergonha de sua identidade étnica, descendência indígena, e por isso procuram negá-la: "Eu sou peruano, não sou índio não". "Eu sou cearense - minha mãe é índia e meu pai veio do Ceará".

b. existem diferentes critérios para dizer se uma pessoa ou grupo são índios - "Esses não são mais índios, já falam todos português", "Aqueles não são mais índio, vivem quase que nem nós "civilizado".

5. constantes mixuras - especialmente os Kulinas.

OBSERVAÇÃO - Em toda a região ~~é conhecido~~ o ÍNDIO e conhecido como CABOCLLO, e assim é identificado. Embora se tenha procurado evitar de usar a palavra caboclo como sinônimo de índio, às vezes nas citações se reproduz expressões com tal sentido. É claro que isso é ~~uma~~ ~~uma~~ demonstra uma atitude colonialista que procura mascarar a identidade étnica do outro povo, ou povos, no caso indígenas.

II - JUTAÍ : PASSADO E PRESENTE - UM DRAMA QUE CONTINUA

- Algumas informações sobre da povoação indígena do Jutai no passado - dados etnográficos

Devido à dificuldade de encontrar material escrito contendo informações a respeito dos povos indígenas que no passado habitaram esse rio e seus afluentes, procuramos apenas reproduzir as informações de alguns autores e etnólogos como Alfred Métraux e Curt Nimuendajú e de alguns viajantes que citam alguns dados populacionais.

1. ALFRED METRAUX : - Tribos da Bacia Amazônica Ocidental

Neste artigo o autor afirma que "as tribos desta área são historicamente pouco conhecidas". Depois lembra o trabalho deixado pelo Pe. Constantino Tastevin que era desta Prelazia de Tefé. "Um material considerável sobre as várias famílias linguísticas desta área, compilado pelo Pe. Tastevin, tem sido publicado em colaboração com Rivet (Rivet e Tastevin, 1919-20, 1921-22, 1927-29, 1938) NAÇÕES INDIGENAS QUE HABITARAM (Algumas ainda habitam) NO JUTAÍ

- TUSHINAWA (Indios Amarelos) - No rio Jutai, acima dos Katukinas.
- CURINA - Curina são mencionados por Samuel Fritz (1922) ao longo do lado direito do rio Amazonas, a partir do baixo Javari até a foz do Jandiutuba. Esses indios podem ser identificados com os Culino falando Panoan, que vivem no rio Jutai, acima dos Arawakan Marawa. Não devem ser confundidos com os Arawakan Culino
- CUNIBA - Eles viviam entre o Juruazinho e o rio Jutai. Esses indios desapareceram por completo.
- MARAWA - Chandless (1869) encontrou-os nos canais do Breu e do Tucumán e no rio Caapiranga perto de sua confluência com o rio Juruá. Eles foram notados no baixo Jutai; no rio Içapó, um afluente do baixo Jutai; e nos pequenos rios entre o baixo Jutai e o rio Juruá. Eles também podem ser encontrados no rio Jutai, indo para o rio Cupatana, no Caapiranga e no rio Meneru e seu afluente Meneruzinho.
- TUCUN- DYAPA (Tukano-Dyapa ou Mangerona) Entre o rio das Pedras e o rio Atrocoai, ambos afluentes do rio Javari (lat. 7° S., long. 72 W) (Atualmente se encontram no igarapé Dávi - Juatizinho)

- . TAWARI - (Tawaré, Kadekili-Dyapá) - Entre as nascentes do Rio Jutai e San Felipe, no Rio Juruá (lat. 6°30'S., long 70°W)
O grupo vivendo perto do rio Jutai se chama Wadyo-Paranin-Dyapa e é chamado Kairara ou Kaiarara pelos Canamari. Esses índios são provavelmente relacionados aos Tawaré que são localizados entre o Riosinho e o rio Yaminawa.
- . BURUÉ - No Rio Jutai, acima dos Tushinawa; também no rio Biá, afluente do rio Jutai.
- . CATUKINA - (Pidá-Dyapa, Jaguar People 'Povo da Onça Pintada) No médio rio Jutai e seus afluentes os rios Muñtum e Biá. (lat. 7°S., 65)-66)W.) Um grupo desses Catukinas, os Kutia-Dyapa (povo da lontra) está estabelecido no rio Brêto, afluente direito do rio Jandiatuba. Não confundir com os Catukino citado abaixo.
- . CANAMARI - A partir do rio Tarawacá até a nascente do rio Pauini e para o sul até o rio Purus (Lat. 9°S., long. 70°W.) Há um grupo Canamari do lado esquerdo do rio Juruá, a partir da foz do rio Popunha até a foz do rio Tarawacá (lat. 7°S long. 68-69°W.) Eles vão até a nascente do rio Jutai e seu afluente direito o rio Biá. Há outro grupo Canamari na nascente do rio Tapauá (lat. 7°, .long. 67°W.) Eles vem de uma região entre os rios Pauini e Jurupari.

2. CURT NIMUENDAJÚ -

Num mapa organizado por este etnólogo (Bg.) divide entre grupos extintos, grupos dos quais ainda sobrevivem pequenas porções, (descendentes) e os ~~XXXX~~ e as ~~XXXX~~ nações indígenas ainda existentes na região. Para a região do Jutai são os seguintes os nomes relacionados:

- a. grupos extintos: NAUNA(1691), UAUARATE(1691), TUCHINÁWÁ , MAÇARARI, CUNIBA(1814), CAUNI (1691) TOBACHANA (1691), BURUÉ
- b. tribos com alguns remanescentes ainda: MURA, MARAWÁ
- c. nações indígenas existentes na região : CATUKINA, MARANÁ, CUTIA-DYAPÁ, PIDÁ-DYAPÁ, WADYO-PARANÍ-DYAPÁ; CANAMARI.

3. POPULAÇÃO INDIGENA

Com relação a esse ítem é muito difícil se ter uma idéia aproximada da população indigena existente nesse rio desde a época do contato com a civilização européia até hoje. Mas alguns dados do século passado nos poderão ajudar um pouco a ~~perceber~~ perceber a depopulação e xtermínio dos povos nativos neste rio.

Vejamos um pequeno quadro da população indigena aldeada

ano	sede das diretorias	nº de aldeias	população	tribos -nação ind.
1857	JUTAHY	15	1.908	Catuquinas, Marauás, Muras
1858	JUTAHY	15	1.908	"
1866	YUTAHY	10	509	Cayxana
1979	----- (no rio Jutai)	14	± 627	Katukina, Kanamari, Kulina, Tukuna, Tukano

Fontes: 1957 Relatório do Presidente da Província do Amazonas, Angelo Tomás do Amaral, em 1857

- Livro 1856-57 de Offícios da Directoria Gera e Parciaes dos Índios. Mapa Estatístico das aldeias de Índios sujeitos a essa directoria, seus aldeamentos, oragos, moradores, , seus sexos, maiores e menores, total, igrejas, casas, habitantes e tribus". Arquivo do Amazonas Vol. II.nº 7

1858 - JOÃO WILKENS DE MATTOS: "Relatório da Directoria Geral dos Índios, em 25 de agosto de 1858. Anexo ao "Relatório que à Assembléia Legislativa Provincial do Amazonas apresentou em 7 de setembro de 1858, Francisco José Furtado, presidente da Província. Manaós Typ. Silva Ramos - 1958

1866 - Gabriel A. R. Guimarães: "RELATORIO DA DIRECTORIA GERAL DOS INDIOS NO AMAZONAS. Anexo ao "Relatório com que o Sr. Antonio Epaminondas de Mello entregou a administração da Província ao sr. Gustavo Adolpho em 24/8/1866. APA 2197 WP

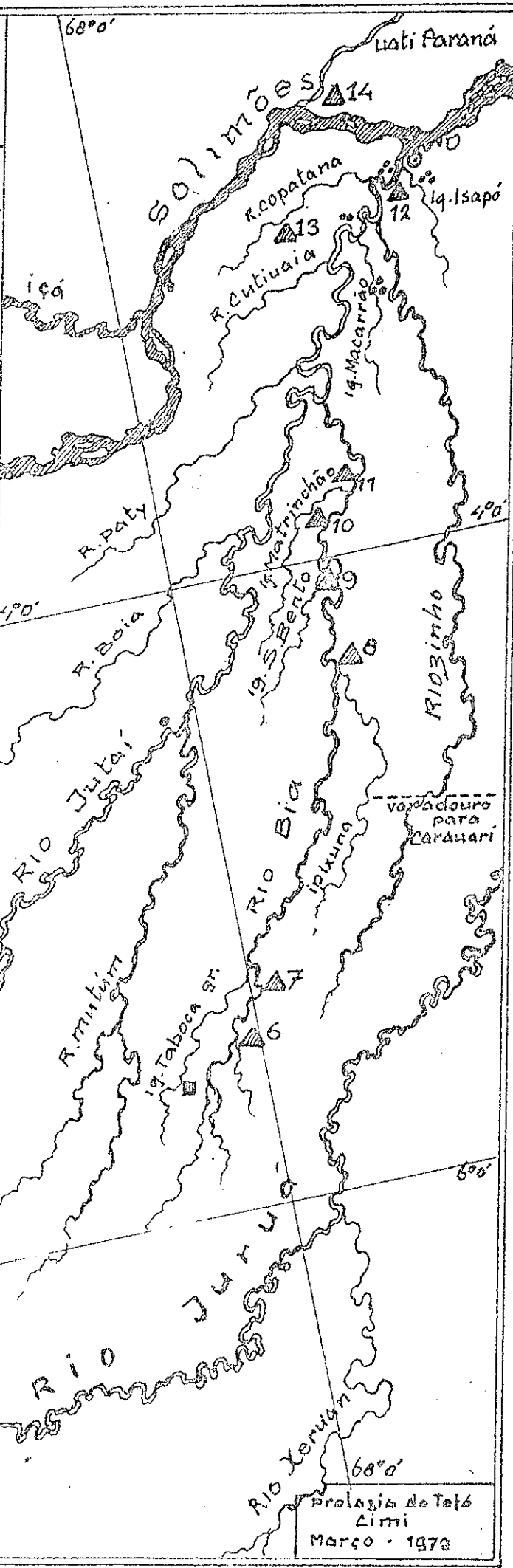
1979 - Levantamento CIMI-OPAN - fevereiro e março 1979

Para entendermos um pouco o que significa cada número desses talvez fosse interessante lebrar por ex, que a população indigena aldeada da directoria do Jutai em 1957, constituia quase a metade de toda a população aldeada no Amazonas que era de 4.173 , num total de 12 diretorias.

POPULAÇÃO INDÍGENA Rio Jutai Amazonas

	Aldeia maloca	Nação Ind. tribo	FAM.	Popul.
1	Nauá	Kanamari	18	70
2	Coraná	"	10	39
3	Tracoá	TUCANO	10	32
4	Simpatia	KULINA	4	22
5	Extrema	"	12	48
6	Caxeiro	KATUKINA	17	64
7	Marsuá	"	18	70
8	Marimarí	Kulina	8	38
	S. Bento	Katukina	7	24
10	Acopú	"	5	21
11	Paxiúba	"	7	38
12	(Copatana)	TUKUNA	10	55
13	Boa Vista	"	6	31
14	Uati Paraná	"	15	75
	Total		147	627

▲ Aldeia Maloca
 * Famílias indígenas vivendo dispersas, fora da aldeia.
 ■ Colocações temporárias da população das Malocas para o trabalho no inverno.



Prologia de Teófilo Limi
 Março - 1978

RIO JUTAI

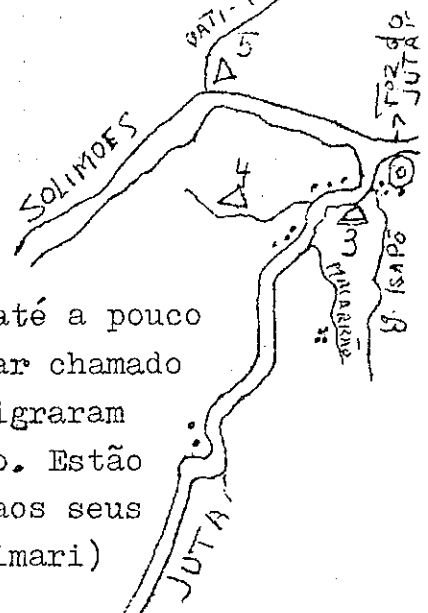
POPULAÇÃO INDIGENA

NOTA: INCLUIMOS O GRUPO do UATI PARANA apenas por uma questão genética.

I -- MALOCAS: Localização -- histórico

KULINAS

1. SIMPATIA - Localizada numa terra firme abaixo da boca do Juruazinho uma meia dia de motor. Essa maloca é bastante recente, pois até a pouco esses índios moravam no alto Jutaizinho, no lugar chamado Santa Maria. São originários do Juruá de onde migraram a alguns anos vindo se estabelecer no Jutaizinho. Estão frequentemente viajando para o Juruá em visita aos seus parentes. Visitam também os kulinas do Biá (Marimari)
Tuchaua: Raimundo
2. EXTREMA - São tuchaus desse grupo João Filipe e José Felício. Essa maloca dos Kulinas é a que se encontra mais abaixo no Jutai, daí seu nome: extrema. Esses índios vieram do Juruá (alto) depois trabalharam no seringal Soledade donde saíram faz 20 anos vindo para o Jutai.



Δ = maloca
• = índios
fores de malocas descendentes

- (4) São Francisco - Maloca que se dissolveu no ano passado por causa de uma morte entre eles. Ali moravam uns 50 índios. A maioria voltou para o Juruá, outros foram para a maloca extrema. Seu tuchaua é o Armando.

TUKUNAS

3. BOA VISTA - Atualmente estão morando numa terra firme dentro de uma ressaça. Vieram do igarapé Maturá, perto de São Paulo de Olivença, a uns 35 anos atrás. Pertencem à Irmandade do José da Cruz. Diretor é Eduardo dos Santos e presidente Joaquim Ramon.
4. COPATANA - Fica dentro do ig. Copatana. Não chegamos visitar o grupo, mas obtivemos informações de gente que os conhece.

POPULAÇÃO

1. SIMPATIA	-	22
2. EXTREMA	-	48
3. BOA VISTA	-	31
4. ig. COPATANA	-	55
5. UATI-PARANA	-	75
		<hr/> 231

5. UATI-PARANA - Os tukunas se encontram no lago Mari-mari que fica entre a boca do Auati-Paraná e o lago Anarucú.

OBSERVAÇÃO - São muitos os descendentes indigenas espalhados ao longo do rio e nos povoados. Especialmente as comunidades da Irmandade da Cruz como Macarrão, Isapó, Porto Antunes, Boa Vista são formadas de descendentes indigenas e caboclos.

III LEVANTAMENTO E SITUAÇÃO DA POPULAÇÃO INDÍGENA

KULINAS

1. Migrações

As três malocas dos Kulinas que se encontram no Jutaí e afluentes são todos originários do rio Juruá. Aí normalmente já tiveram uma longa história de migrações, vindo das cabeceiras do rio ~~Juruá~~ e afluentes como Xeruã, Gregório, Tarauacá para servirem de mão de obra nos seringais, ou fixando-se ao redor das cidades como Birunegé, Carauari, Ceitauá. Esse processo levou a maioria dos grupos a uma lenta desintegração, ocasionando conflitos internos e mortes. Daí novas migrações foram surgindo, trazendo aos grupos sempre maior miséria e dificuldades para sobrevivência. Por isso nessa constante deslocamento não conseguem organizar suas roças e prover suficiente alimentação. Conseqüência disso é que vão se servindo das roças dos seringueiros, tirando para alimentação e mesmo outros artigos. Isso lhes custa a triste fama de ladrões, preguiçosos, índio que não presta, violento.....

2. Conflitos internos

Na região eles são conhecidos como índios violentos, vingativos e malvados. É claro que certamente isso é o triste resultado de todo o processo de contato, exploração e violências que o povo Kulina sofre.

Todos os seringueiros se apressavam em narrar os fatos de violências envolvendo seringueiros e índios e entre os próprios kulina. Uma mulher não expressava sua preocupação: "padre o senhor não tem medo que vão matar o senhor também?". Disceram ser comum entre eles que o crime resulta sempre na morte do criminoso também. Ouviam muito o comentário: "esses caboclo vão se terminando por si mesmo".

No ano passado, na maloca que ficava perto da capela de São Rancisco o índio Miguel matou o sogro Moisés, por motivos familiares. Com esse crime se dispersou todo o grupo indo parte para o Juruá e outros para a maloca Extrema. Quando íamos baixando o índio Francisco das Chagas veio nos comunicar assustado que do Juruá estavam ~~subindo~~ vindo e já baixando o Juruzinho com uma turma de índios que vinham vingar a morte do Moisés. Ele temia que iam matar seus tias na maloca, pois esses eram acusados de ajudar o criminoso.

Por isso são acusados de não saberem perdoar. Mas é claro que essa atitude dentro da vivência normal do grupo podia ser uma medida sábia exatamente para evitar com que ocorressem crimes. Mas depois do contato, com a introdução da cachaça isso se tornou desastroso para o grupo.

3. Saúde

Nessas suas migrações e no trabalho temporário para algum patrão eles também contraem doenças e especialmente o sarampo e gripe tem feito grande número de vítimas entre eles. Nos informava um seringueiro que numa dessas epidemias quase todos os moradores duma aldeia morreram.

4. Cultura - identidade étnica

Parece que conservam bastante sua propria cultura enquanto permanecem em grupos. Seus cantos e rituais são ainda praticados. Mas parece um pouco um povo desnordeado e sem esperança. Por isso a cidade exerce forte atração entre eles. Muitos rapazes e mesmo moças já estiveram nas cidades, mas sentindo-se discriminados voltam à aldeia. Os regatões muitas vezes levam rapazes e moças para as cidades para trabalhar ou estudar. Parecem bastante abertos a casamentos com brancos ou caboclos e mesmo índios de outras tribos ex. Canamari - encontramos dois casamentos intertribais: Na maloca Mari-mari duas kulinas estão casadas com caboclos.

III - Como os rebingueiros ^{da região} veem os Kulinas

De uma maneira geral os comentários são os piores possíveis, chegando ao ponto de afirmarem que o melhor seria matar todos esses caboclos (índios). "Esses caboclos se deveria matar, que nem macaco, só pra ver o tombo....mas até os urubu iriam renegar. A gente só não mata porque são cristãos também...Mas é gente que nao presta, preguiçoso, ladrão, safados..." (Monato)
"Os kanamari até que são boa gente, mas os Kulina não presta mesmo".

"Com relação aos índios eles são até belas pessoas. O negócio é que ninguém pode sair de cada. A ruindade é essa porque se a gente sair de casa, e eles passar assim, eles vão levando tudo, não deixa nada, de roupa pra cima, é tudo que eles ~~vão~~ encontram vão levando. Mas que eles são até boa pessoa pra trabalhá assim junto com a gente, estando na hora mesmo, eles são bon ~~trabalhador~~ pra trabalhar. Isso só os kulina, os kanamari não tem esses costumes..."

"Estou torcendo pra que eles vão embora daqui. Por que assim não dá pra aguentar. Se não vamos ter que sair daqui...eles acabam com toda a toça,,"

E assim poderíamos encher folhas só com as reclamações e chãngações que ouvimos contra os Kulina.
É claro que ninguém conhece a história e o drama que levou esse

TUKUNAS
TUKUNAS

Sabemos que o habitat dos Tukunas é basicamente o Solimões; Nos últimos anos muitos tukunas ~~viviam~~ tem se concentrado nas proximidades da boca do Jutaí em alguns igarapés. Atualmente o fenômeno (messiânico) da Irmandade da Cruz (do Irmão José) tem dado um novo significado à presença tukuna na região. g²

III - INDIOS DESTRIABILIZADOS

É significativo o número de índios e descendentes de povos indígenas em toda a região do Jutaí. Se torna muito difícil precisar mas exatamente em termos quantitativos essa presença, mesmo o grau de descendência ou mestiçagem da atual população. É certo porém que entre índios, descendentes (destribalizados) e mestiços (caboclos) formam seguramente a grande maioria da população. Alguns fenômenos importantes estão ocorrendo entre essa população.

1. AS COMUNIDADES DA CRUZ - IRMANDADES DO IRMÃO JOSÉ DA CRUZ

Muito já se tem falado e escrito a respeito desse movimento iniciado entre os índios Tukunas e de ampla aceitação e difusão entre essa nação indígena e mesmo descendentes de outras grupos tribais e caboclos. As análises feitas e opiniões emitidas são ainda muito limitadas e mesmo contraditórias às vezes. Sob o aspecto social, é motivo de preocupação e alerta por parte do governo que teme que se transforme num foco de insurreição e revolta - questão se seguran a nacional. Como movimento /messiânico/ de conotação messiânica, é visto por antropólogos e analistas sociais, como tentativa de reagrupamento, a partir da própria tradição tukuna, para se libertarem da opressão e destruição cultural. Segundo suas tradições 'ókoi' (o messias) que cortou a grande árvore que cobria os brancos, voltará para libertá-los da escravidão. Por isso afirma Carmen Junqueira: "O fato de os tukinas não mais aceitarem a autoridade da Igreja Católica, rejeitarem as regras da sociedade que os cerca, não admitindo a figura do patrão e vivendo em comunidades nas quais a terra é "dos herdeiros de Deus" é explicável se considermos o que interessa realmente ao índio: a terra e a libertação de um sistema que o reprimiu, destruindo sua cultura".

Sob o ponto de vista religioso, a busca dos tukunas que uma figura mítica que lhes inspirasse proteção e confiança, foi encontrada no pregador Irmão José Francisco da Cruz, que soube explorar razões remotas da origem da tradição dos tukunas que inclui a vinda de um messias e o cataclisma que destruiria o opressor para a construção de um mundo utópico dos tukunas. Acrescenta Claudio Vilas Boas "A organização do prega-

dor é amplamente semelhante à da cultura tradicional dos índios se a(ompararmos com os demais ritos e cultos ocidentais. Isso chegou a favorecer o princípio da união dessa tribo decadente em torno de seu pregador!" O conclui:" Depois dos primeiros formãse uma reação em cadeia, não somente entre os índios, mas entre os próprios brancos que naquela região se encontram em estado emocional semelhante aos dos próprios índios".

Por parte das autoridades da Igreja Católica local, após uma tentativa de diálogo, tentando absorver o movimento mantendo o contróle sobre o mesmo, com a negativa de subordinação do pregador, esse e todo seu movimento foram considerados fora da Igreja, herege, Eis a declaração do Bispo de Alto Solimões: "Considerando que o senhor José Francisco da Cruz está simulando os sacramentos da Igreja Católica, como o Batismo, o Casamento e o sacramento da Ordem, e que está ilegalmente fazendo uso da Palavra de Deus; Considerando ainda, que sendo advertido de deixar estas práticas, ele se negou a isso; Eu como bispo da Igreja Católica o deçlaro herege e sisnático e portanto fora da Igreja".

Essa atitude extremamente clericalista, nada eclesial e ecumênica, certamente não levou em conta a complexidade da questão relacionada com os povos indígenas e suas culturas, bem como a nova atitude da igreja em seus últimos documentos sobre a evangelização.

BENEFÍCIOS QUE O MOVIMENTO TRAZ

- a. Combate o alcoolismo
- b. combate o crime (policiamnto interno) Delegado:
"Essa gente não me dá trabalho".

ALGUMAS OBSERVAÇÕES A PARTIR DA VISITA À COMUNIDADE
IRMANDADE DA CRUZ - DE MACARRÃO

1. Presença indígena - Chegando à comunidade, vendo aquela gente bronzeada, de olhinhos puxados, tem-se de fato a impressão de estar chegando a uma aldeia indígena. Em verdade sua população é basicamente formada de índios "aculturados, destribalizados" e descendentes de diversas nações indígenas e caboclos. Se sob o aspecto físico existe essa forte presença indígena, sob o aspecto cultural isso se torna ainda mais patente. Por isso, essa comunidade poderia ser caracterizado como uma experiência da "nova aldeia", do reagrupamento em torno de uma motivação religiosa, mas essencialmente um retorno às bases sociais e culturais indígenas. Aliás esse movimento nasceu e se desenvolve basicamente entre os índios Tukunas.
2. Aldeia antiga e a nova aldeia - É sabido por todos da região que os lugares em que se encontra vestígio das antigas aldeias (cacos de potes, cerâmica) são ótimos lugares para moradia, pois os índios sabiam escolher sempre os melhores lugares. É o que acontece no Macarrão, que deveria ser local de habitação indígena já talvez a muitas centenas de anos, pela abundância e diversidade dos cacos de cerâmica e potes. Mas não só foi aldeia antiga como até o momento em que foi se formando a nova comunidade, ali ainda residiam três famílias indígenas. Isso vem confirmar essa característica de um retorno aos valores comunitários e sociais indígenas, expressos numa nova forma de convivência social, e ao mesmo tempo representa uma forma de libertação dos padrões opressivos e dominadores da sociedade nacional.
3. Características e interesses indígenas - Chamou atenção da gente o interesse demonstrado pelos membros dessa comunidade pela cultura e mesmo idioma (gíria) das nações indígenas que a gente tinha visitado. Enquanto ouviam atentamente as gravações de canções e vocabulário dos Kanamari, Katukina e Kulina, algumas índias mais velhas mostravam sua satisfação, lembrando de seu passado, de seus rituais, cantos etc. Nessa fuga do individualismo para o retorno à vida comunitária, a organização coletiva do trabalho e subsistência (rêças, pecca...) como forma de libertação do patrão e de todo sistema que os explora, a obediência a um líder central (substituição do tuchaua), as várias práticas religiosas e rituais em torno de gestos e símbolos (cruz, profissão...) é sem dúvida uma manifestação

tação da alma e vida profundamente religiosa dos povos indígenas. #

Todas essas características profundamente indígenas dessa comunidade, como em muitas outras dessa região do Jutai, nos indicam um pouco as bases desse movimento.

É claro que tem muitos aspectos não muito definidos e claros e que mostram as influências que não são de origem indígena, mas sim já da nossa sociedade. Ex. o fato de muitos dos responsáveis (diretor, presidente) das comunidades serem mestiços caboclos ou até brancos (como o próprio irmão José), As regras e normas fortemente moralistas, os guardas, polícia própria com tipo de cacetetes e sua maneira de agir (às vezes repressiva) ou intimidadora). Além disso a adoção dos princípios e práticas religiosas cristãs e católicas são indicativos de que o reagrupamento se dá em torno de formas da civilização cristã ocidental. (que aliás já havia sido aceito anteriormente por todos eles)

Apesar dessa indefinição e riscos de manipulação, o movimento é sem dúvida tem conseguido o que nenhuma outra entidade ou religião tem conseguido: a vida comunitária, a união e solidariedade e até mesmo a organização social do trabalho e da produção. Por isso a reagrupação do "índio integrado e seus descendentes" é sem dúvida um fenômeno novo e importante na região.

COMUNIDADES da IRMANDADE DA CRUZ no JUTAI

1. MACARRÃO
2. Porto Antunes
3. Copatana
4. Ressaca (Boa Vista)
5. Boa Vista
6. SSAPÔ
7. Fog do Jutai



RIO BIÁ

AFLUENTE do JUTAI

POPULAÇÃO INDIGENA

CIMI - Prol de Teje - março 1979

KATUKINA

1. Paxiúba
2. Acapu
3. S. Bento
5. Marauá
6. Caxeiro

7	38
5	21
7	24
18	70
17	64

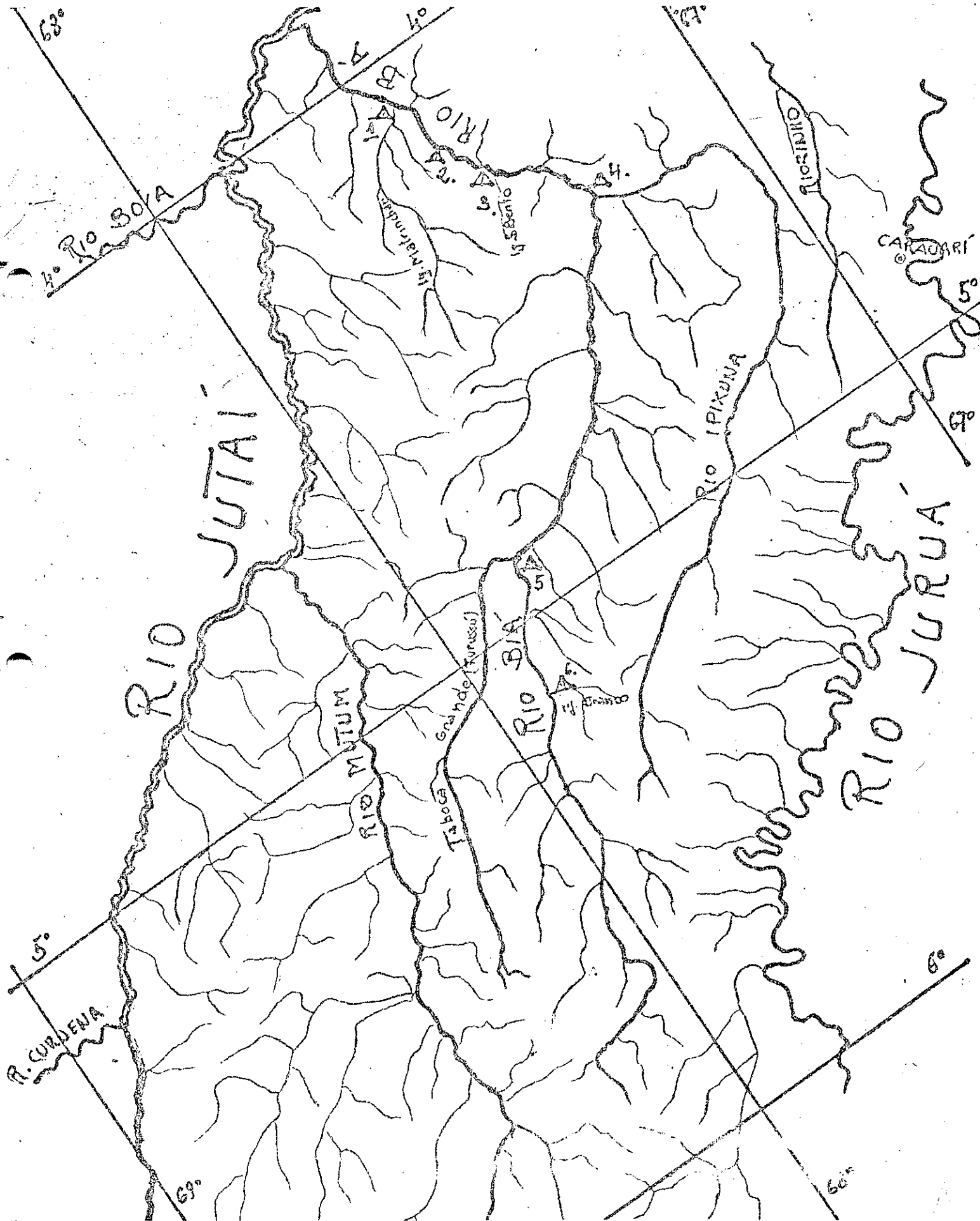
KULINA

4. Marimari

8	38
---	----

TOTAL

55	355
----	-----



R I O B I A
E
SUA POPULAÇÃO INDIGENA

I - Localização das aldeias^{e populações} ou malocas

1. FAXIÚBA - Subindo o Biá é a primeira maloca. Como todas as famílias estavam trabalhando para o D. Paulo (pe-runço) das Onzas) não visitamos a maloca, mas obtivemos todos os dados a respeito da população e localização da maloca com os índios do Acapu. Fica próximo ao ig. Matrinchão à margem direita do Biá, dentro de um ig. do qual não sabemos o nome.

2. ACAPU - Essa maloca da margem direita do Biá fica na terra firme do Acapú. São 3 casas onde moram cinco famílias. Esse grupo foi muito atingido por epidemias, especialmente de sarampo, que em 1975 fez muitas vítimas entre eles. Eles tem parentes na maloca do Xexeiro.

3. S. BENTO - Essa maloca fica no Ig. São Bento que é afluente da margem direita do Biá. Agora no inverno eles estavam quase todos parando num igarapé chamado Sororó (que fica bem acima do S. Bento) Eles trabalham todos para dona Odete, que é a patroa deles.

4. MARI-MARI - Essa maloca de Kulinas fica numa ressaca logo abaixo da boca do Ipixuna. Até agosto de 1978 moravam dentro do Ipixuna, mas após a morte do tuchaua Luiz Garcia, abandonaram o lugar vindo fixar-se no atual lugar. Esse grupo de Kulinas veio de Carauari, no Juruá, a 9 anos. Porém o mais velhos do grupo são nascidos no Xeruá, (onde tem parentes ainda hoje).

5. MARAUÁ - Essa maloca dos Katukinas se localiza à margem esquerda do Biá, logo acima da boca do Taboca Grande, (ou T. Turussu). É uma das maiores aldeias em termos populacionais. Não podemos precisar mais exatamente o número de casas e pessoas porque todos estavam fora da aldeia e por isso nem fomos até lá. Eles tem outra maloca ~~na~~ bem dentro do Taboca Grande onde permanecem no verão trabalhando na seringa.

biá

6- CAXEIRO - Essa é a última maloca dos Katukina no Biá. Fica à margem ~~direita~~ esquerda do rio próximo à boca do igarapé Branco. Essa é a malocã nova para a qual mudaram no ano passado. Toda a plantação e roças ficam mais próximas às duas malocas velhas, sendo uma abaixo e outra acima da atual. Essa maloca nova tem 4 casas grandes e uma menor. Sendo que à altura do toberto de ubim, existe um tipo de soalho de paxiuba em cima do qual o pessoal dorme.

INDIOS FORA DE ALDEIA E POSSIBILIDADE DE OUTRAS MALOCAS

- . De índios vivendo fora de grupo, maloca só sabemos de uma família de Katukinas residindo no lugar chamado Piriquitos que fica já mais próximo da boca do Biá.
- . É possível que exista mais alguma maloca da qual não tivemos informação. Porém isso não é muito provável, a não ser bem nas cabeceiras do Biá ou algum afluente. No Taboca Grande uma vez os índios do Marauá nos falaram de uma maloca da qual o tuxaua é o Francisco Ademar. Mas depois nos falaram que se tratava da maloca em que esses mesmos índios da maloca do Marauá passarima no verão. Mas não houve possibilidade de esclarecer muito bem essa questão.

II - TRABALHO - SUBSISTÊNCIA

A alimentação básica desses índios é o peixe, caça complementada com uma agricultura de subsistência. Os katukinas de algumas aldeias tem grandes roçados onde existe grande variedade de plantações (mandioca, milho, feijão, banana, ananás.....) Além disso é muito apreciado a popunha, que além de servir de alimentação básica durante os meses de dezembro, janeiro e fevereiro, serve para fazer uma bebida obtida através da fermentação da massa da popunha-a caiçuma. A festa da popunha (popunha) é muito importante na vida social do grupo. É claro que a fartura de outras frutas silvestres, como assaí,----- são muito importantes na dieta alimentar dos Katukinas.

Como a caça, os peixes e os frutos da mata são relativamente abundantes a situação nutricional desses índios é bastante boa. O que contrasta muito com a desnutrição e fome porque passa a maioria dos seringueiros do Jutai, que dependem quase em tudo dos regatões.

Mas os índios do Piá, já ha muitos ~~anos~~ / têm tempo tem contato com os regatões com os quais trocam seus produtos, adquirindo algumas mercadorias, especialmente: sal, açúcar, tecido, cartuchos, tersados, lanternas, pilhas, e até alguns compram rádios ~~etc.~~ ^{etc.}. Ai se dá a grande exploração como passaremos a analisar a baixo.

Os Katukina são tidos e respeitados como índios trabalhadores, elogiados por patrões, regatões e seringueiros. Um regatão nos falava que cada 15 dias quando sobe um regatão tinha sempre uns 2 mil quilos de sorva. Além disso eles vendem peles e alguns chegaram a vender farinha de macaxeira. (Ex. maloca do ^Uaxeiro)

III - COMÉRCIO - EXPLORAÇÃO

1. Regatões -

São estes os regatões que fazem regularmente o Bia-Abraão Soares (de Tefé), Teles Mafra (de Tefé), José Correia de Fonte Boa e Isoão de Fonte Boa. Parece que tem mais algum que via de vez em quando.

É de se perguntar: Se no Biá vivem basicamente só populações indígenas (exceto umas 6 famílias) porque tantos regatões entrando aí?

Uma primeira conclusão que se tira é de que os índios de fato não são os preguiçosos, como normalmente se costuma falar.

Porém mesmo eles produzindo bastante será que um comércio honesto daria para obrir os gastos em combustol e ter algum lucro?

Certamente que não. Aí que registra a vergonhosa exploração a que na maioria das vezes os índios são submetidos.

Os Kulina do Marimári nos mostraram uma porção de garrafas de cachaça que o Zé Correia tinha deixado na subida. "Ele só trais quase cachaça! E o Nato da aldeia do Caxeiro se queixava: "Os mareteiros quase não trazem roupa pra trocar". E contou que entregou um rádio de três faixas, quase novo ao Zé Correia e eêe lhe deu uma caixa de cartuchos, duas garrafas de cachaça, ul litro de querozene e um canivete.

Depois os próprios índios foram nos contando o sistema empregado pelo regatão na troca: os índios entregam o produto - sorva, borracha ou pelo e o regatão vai dando algumas mercadorias até dizer acabô dinheiro, aí para remate dá uma garrafa de cachaça para cada índio e vai embora. É evidente que a exploração se dá aí, pois o índio não conhece o valor da mercadoria, do dinheiro (que nunca recebe) nem o poço que o regatão lhe diz ter o seu produto. Nós casualmente pudemos presenciar uma dessas transações feitas pelo Zé Correia. Um índio entregou um panelo de sorva que pesou 86 kl. Em troca recebeu: uma caixa de cartuchos, um pouco de tecido, um rolo de linha para a mulher e uma garrafa de cachaça. A @15,00 o quilo de sorva o saldo do índio seria de @ 1.200,00. Por isso recebeu em mercadoria por aproximadamente @ 500,00. Por aí se pode ter uma idéia de como acontecem as trocas no Biá.

Por isso não é de estranhar o porque dessa concorrência e inflação de regatões por aí. O Dico nos dizia que o Abraão comprou um barco novo ~~às/cósta/dô~~ só explorando os Katukina".

ALCOOLISMO

Como vimos uma das consequências desse contato com os regatões é o alcoolismo. O proprio Zé Correia nos dizia: "Quem quiser comerciar por aqui e não levar cachaça é a mesma coisa que não ter nada".

E nós tivemos a possibilidade de ver a triste cena propiciada pelos dois regatões que estavam no rio naquele momento. Quando subimos encontramos uma 7 famílias da maloca do Marauá que estavam voltando do igarapé com uma boa produção de sorva.

Conversamos e tivemos um contato muito bom. Na volta à nossa frente estavam passando os dois regatões. Encontramos esse mesmo grupo de índios ao redor e dentro do barco do Correia, totalmente bebados, caindo... A nossa chegada criou um transtorno e um dos ajudantes do Correia veio logo se desculpo: "Vê padre, como tão os índio aí tudo bêbado. Foi o Antonio Carlos que passou distribuindo cachaça pra eles." Com isso ele estava querendo limpar a barra dele. Mas a gente viu ele também distribuindo a cachaça que levava consigo. Foi uma cena deprimente ver

esses Katukina naquele estado. Uma índia tinha que arrastar seu marido pra dentro da canoa, pois já ia caindo no rio. O tuxaua Marauá subiu ao nosso barco, com seu budaco já com mais da metade de água. Seus olhos pequenos reluziam, parecendo estar chorando, mal conseguia se equilibrar e fiçar de pé. Não houve condições de uma conversa com eles, melhor com eles. Tivemos que seguir logo.

Nos relataram também o fato em que dois índios morreram afogados depois que terem sido mandados embora da bodega de seu Julio, totalmente bebados e em plena noite. No meio da viagem viu-se a canua e os dois Katukinas da maloca de São Bento morreram.

E muitas outras consequências lamentáveis da irresponsabilidade dos regatões e outros nos foram relatados. *Ex. Aparentemente de mulher*

2. PATRÕES

Seu Basilia e dona Odete tem umas 7 famílias de Katukinas de São Bento trabalhando para ela - tirando serva e seringa. Ela passou um tempo falando do bem que ela faz aos índios: dá remédios, ajuda a cuidar dos doentes. E por isso diz que os índios a chamam de "naió kidák" = mãe velha, e que não deixam ela ir embora. Em compensação os índios lhe trabem frtas, bananas, caça, pesca a serva e a seringa. Pode-se ver que essa preocupação e "amor" pelos índios não é nada desinteressado não. Essa é a conversa de todo o pessoal que trabalho com índios. São os grandes benfeitores.

O grupo do Baxiuba até o fato do/ afogamento dos dois índios trabalhavam para o peruano (pai do Júlio). Soubemos que era uma exploração muito violenta. Os índios quase só recebiam o pagamento em cachaça. E é curioso que por ocasião de nossa visita eles estavam novamente ititando serva com seu Paulo. Devem ter sido aliciados com cachaça!

Os demais não trabalham diretamente para um patrão. Só consideram patrão, oão regatão com o qual trocam os produtos.

IVI -

IV - TERRA

"Aqui ninguém nunca disse: ESSA TERRA É MEUA", falava Nato ao perguntarmos a ele se ele sabia se essa terra tinha algum dono. E concluía: "de certo que não deve de ter dono".

Ignorava ele ainda que a terra até mesmo onde tem sua aldeia já está comprada por um grande grupo econômico chamado APLUB. E que as ameaças que estão pesando sobre o seu povo e sua terra são muito grandes.

Nos contava o senhor V.M. que em 1975 o pessoal de pesquisa da APLUB desceu de helicóptero na Barreira Branca (logo acima do igarapé do Matrinchão) e depois no Patauá, já bem nas cabeceiras do Bia, pesquisando esse lado esquerdo do Rio cujo título

da terra diz que lhe pertence. Nessa ocasião os responsáveis pela pesquisa tiveram contato com os Katukinas do Matrinção, aos quais inclusive teriam proibido tirar sorva e borracha no lado esquerdo do rio. ~~Após a saída/~~ Depois ao ser interrogado o índio Luiz porque não tirava mais sorva daquele lado falou: "Porque o Homem barbado (engenheiro da PALUB) falou pra não mais tirá desse lado que ali é deles".

Em 1977 o Dr. Paulo a serviço desta mesma empresa esteve novamente no Biá proibindo a algumas pessoas a trabalhar nos lotes pertencentes a essa entidade.

Com isso pode se sentir a necessidade urgente de garantir a terra para esses índios que até hoje podiam desfrutar das terras do rio Biá. Mas a situação está mudando e começam a aparecer donos até da terra onde se localizam as ~~aldeias~~ três aldeias da margem esquerda: Mari-mari, Marauá e Caxeiro.

V - CULTURA

Pelo fato do Biá ser ainda praticamente um rio "indígena", tem permitido a esses povos, especificamente os Katukinas, a continuar vivendo bastante integralmente todos os seus valores, costumes preservando sua cultura. O contato intermitente com a civilização ocidental especialmente através do comércio, tem introduzido no grupo pequenas adaptações e mudanças que porém não afetaram a base de sua configuração étnica própria.

São muito poucos os Katukinas que falam bem o português. A maioria compreende um pouco, e muitos ainda não falam nada o português.

O grupo Kulina parece bem mais frágil neste aspecto e com uma grande propensão, especificamente por parte da juventude de adotar os costumes e padrões de vida do branco. Isso tem sido agravado pelo fato de ter muitas moças e poucos rapazes, fato que já provocou a entrada de dois brancos que casaram com índias.

Apesar disso todos falam o kulina, sabem os cantos de suas festas próprias...

Os katukinas nessa época do início do ano estavam nos festejos da "Festa da Popunha - Maipoo". (é possível que tenha outra denominação que não conseguimos identificar nesse pouco tempo) Como também toda a riqueza da cultura katukina só poderá ser compreendida ~~após a saída/~~ com a convivência com esses grupos e o aprendizado da língua.

VI - SAÚDE

Apesar de se poder considerar os ~~índios~~ índios desse rio de maneira geral fortes e bem nutridos encontramos alguns com problema de epatite e outras doenças.

Nas o que realmente causa pavor e causa grandes mortandades são as epidemias, especialmente de sarampo e gripe.

Nos contava o senhor Vítor Mendes que em 1975 uma epidemia de sarampo quase dizimou a aldeia do Matrinchão, tendo morrido um total de aproximadamente 80 pessoas, inclusive duas filhas do tuchaua Lopes. Os Kulinás também foram atingidos pelo sarampo fazendo umas 200 vítimas entre esse grupo. Também nesse mesmo ano grassou um tipo de cólica que matava dentro de 24 hs. Morreram também uns 10 ou 15 índios.

Esses grupos também sofrem com a malária.

Uma das narrativas do Pe. João numa viagem pelo Biá nos comprovava as muitas vítimas que as epidemias fizeram entre esses índios.

"Uma vez o Pe. João viu uma canoa de índios bravos no rio Biá. Um homem gritou só uma palavra: 'panema'. O padre não compreendeu e acompanhou o homem até a beira. Lá encontrou numa maloca umas 30 pessoas. A metade fugiu e a outra metade estava muito doente. O padre descobriu que era uma gripe forte. Para eles incurável. Voltou para seu motor para buscar remédios. Graças a Deus todos eles curaram. Procurei alguns dias mais tarde pelos outros 15 índios no mato, mas só descobri 15 cadáveres. Todos haviam morrido. Então os índios compreenderam que os que tinham tomado as pílulas não morreram, e acharam que o padre era uma pessoa milagrosa". (O RIO QUE CHORA - livro: Geschonden Eldorado de Anthony Van Kampen - 1972)

Percebe-se que são exatamente as doenças "civilizadas", que eles antes não conheciam que agora estão semeando a morte entre o seu povo. E eles não tem a mínima assistência em todos esses casos. Por isso é bastante urgente uma medicina preventiva, especialmente de vacinações e também uma assistência para controlar as epidemias.

Em termos de medicina acredito que muito se poderá aprender com eles a respeito de ervas medicionais e tratamentos mais específicos feitos pelos pagé.

VII - INFORMAÇÕES E DADOS ETNOGRÁFICOS SOBRE OS ÍNDIOS DO BIÁ

1. Alfred Metraux - em Hand Buck 1938

Neste trabalho este grande etnólogo dá como grupos existentes no R. Biá os seguintes:

- BURUÉ (Buruhe) - No rio Jutai; também no rio Biá afluente do rio Jutai.
- CATUKINA (Pidá-Dyapa, Jaguar People, Povo da Onça Pintada) No médio Jutai e seus afluentes os rios Mutum e Biá.
- CANAMARI - Há um grupo Canamari do lado esquerdo do rio Juruá, a partir da foz do rio Popunhas até a nascente do rio Tarauacá (lat. 7° S, long. 68°-69°W) Eles vão até a nascente do rio Jutai e seu afluente direito o rio Biá.

Classificação - TRÊS CATUKINAS

- a. Tucun - Dyapa (Tubano-Dyapa ou Mangerona)
- b. Tawari (Tauaré, Kadekili-Dyapa)
- d. Burué (Buruhe)
- e. Catukina (Pidá-Dyapa, Jaguar people "Povo da onça Pintada")
- f. Farawa
- g. Canamari
- h. Catawishi (Hewadie)
- i. Catukino

2. Pe. João Van Den Dungen

Foi encontrado apenas referências a uma visita que ele fez aos índios do Biá, encontrando muitos enfermos, com gripe. Fala a citação em índios bravos". Ele deve certamente ter tido muito mais contato com os índios do Biá, porém até o momento não se sabe se ele tem deixado algo escrito a respeito deles.

3. Pe. Teodoro

Relatório de visita ao Rio Biá em 1972

Dava a seguinte população do Biá- "

- 266 pessoas, sendo 176 índios de tribo Catuquina, 79 amazonenses e 11 peruanos
- havendo 59 famílias, das quais 30 catuquinas, 17 amazonenses e 2 peruanos
- Os índios Catuquinas moram em dois corrais. O primeiro localizado perto do Igarapé do Matrinhão dentro de uma ressaca, e contam com 12 famílias, em total 56 pessoas. Distância do boca do Biá 7 hs. O segundo corral é localizado acima do Taboca

dentro de um igarapé. Distância da boca: 44 horas de viagem a motor.

- ~~Os índios~~ As famílias Catuquinas tem apenas dois filhos cada.
- Os índios são agricultores, fazem roças de mandioca, cará e plantações de caju, abacaxi, bananas e outros frutos, feijão e outras verduras. De vez enquanto tiram sorva para trocar com fazenda e cachaça com soja e algodões que atuam no Biá. Além disso caçam.

3. Irmão Francisco - 1977

De seu relatório de viagem ao rio Biá: " Fiz desobriga até o Ipixuna, dois dias de viagem. Os índios ali (dessa maloca) são 6 famílias. Dois são brancos: Luis Garcia e Dico Protásio, casou católico com uma índia.....

Os índios tem algum com boa atenção outros não. Batizei 4 índios... De baixada levei Basilio e dona Odete para Don Paulo. Escostei nas duas malocas dos índios. 1ª uma hora de baixada do Basilio no Igarapé São Raimundo. São 7 famílias. Batizei 4 crianças. Basilio e Odete padrinhos. As mulheres são muito boa e dona Odete prometi rezar com eles e explicar a vida de Jesus.

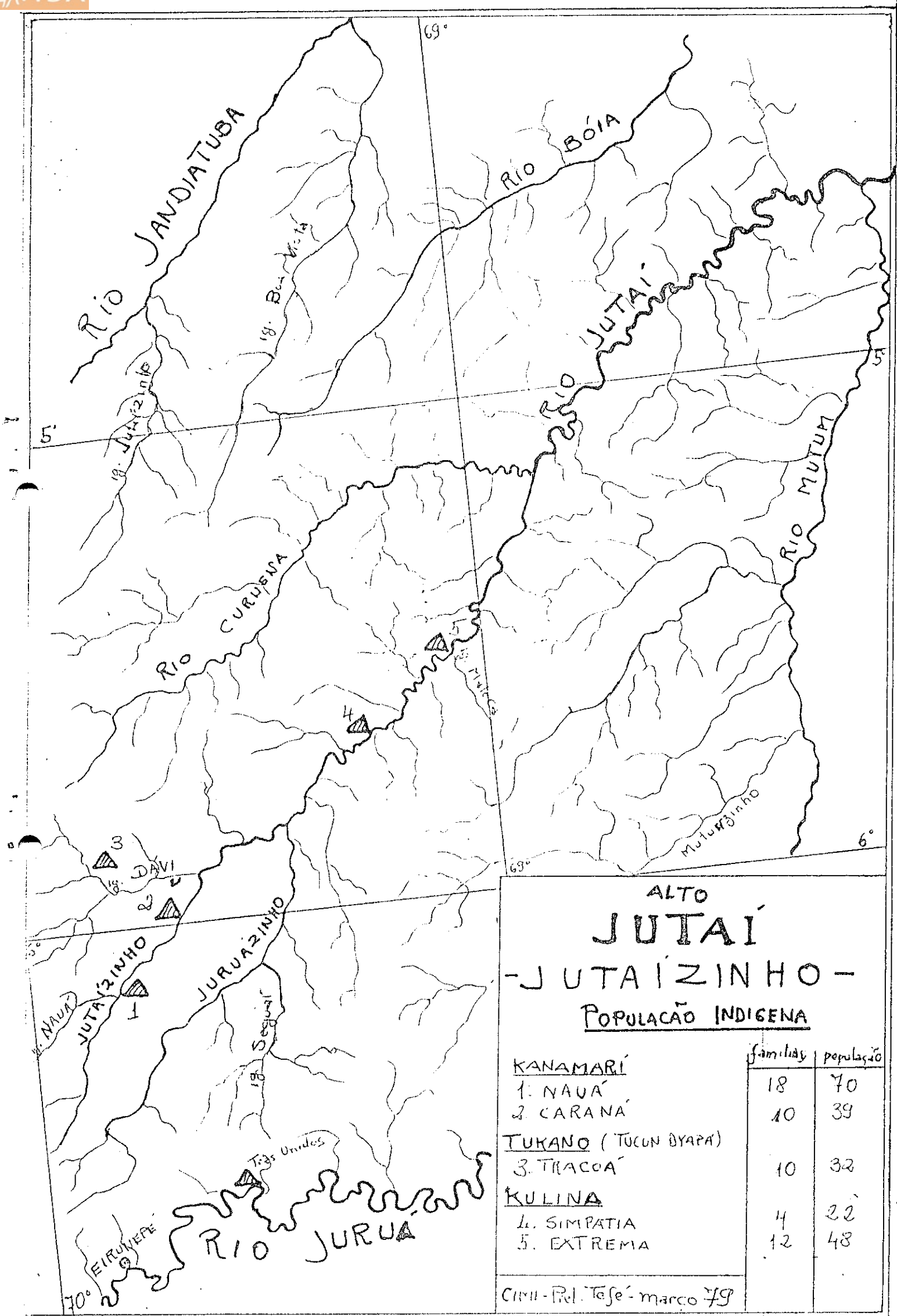
Encostamos no Acapy. São 4 famílias e não falam português...

4. Informações diversas

- os katukinas não gostam dos Kanamari
- se você que vê eles bravo chama eles de "índio"
- "lami" é um tipo de toxico que os katukinas usam em suas festas.
- quando eles dizem: "panema" é sinal negativo, ruim, não gostam
"marupiara" - positivo - tá bom - gostam.

5. dados linguísticos

tenho gravado muitos vocábulos e expressões da língua katukina e kulina, que a gente dará a algum linguista para ajudar na representação gráfica.



ALTO JUTAI
- JUTAIZINHO -
POPULAÇÃO INDIGENA

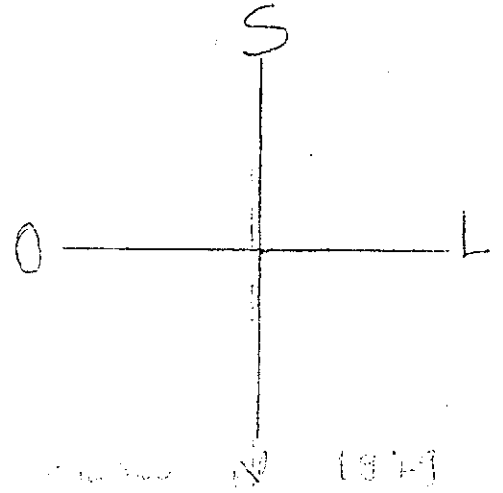
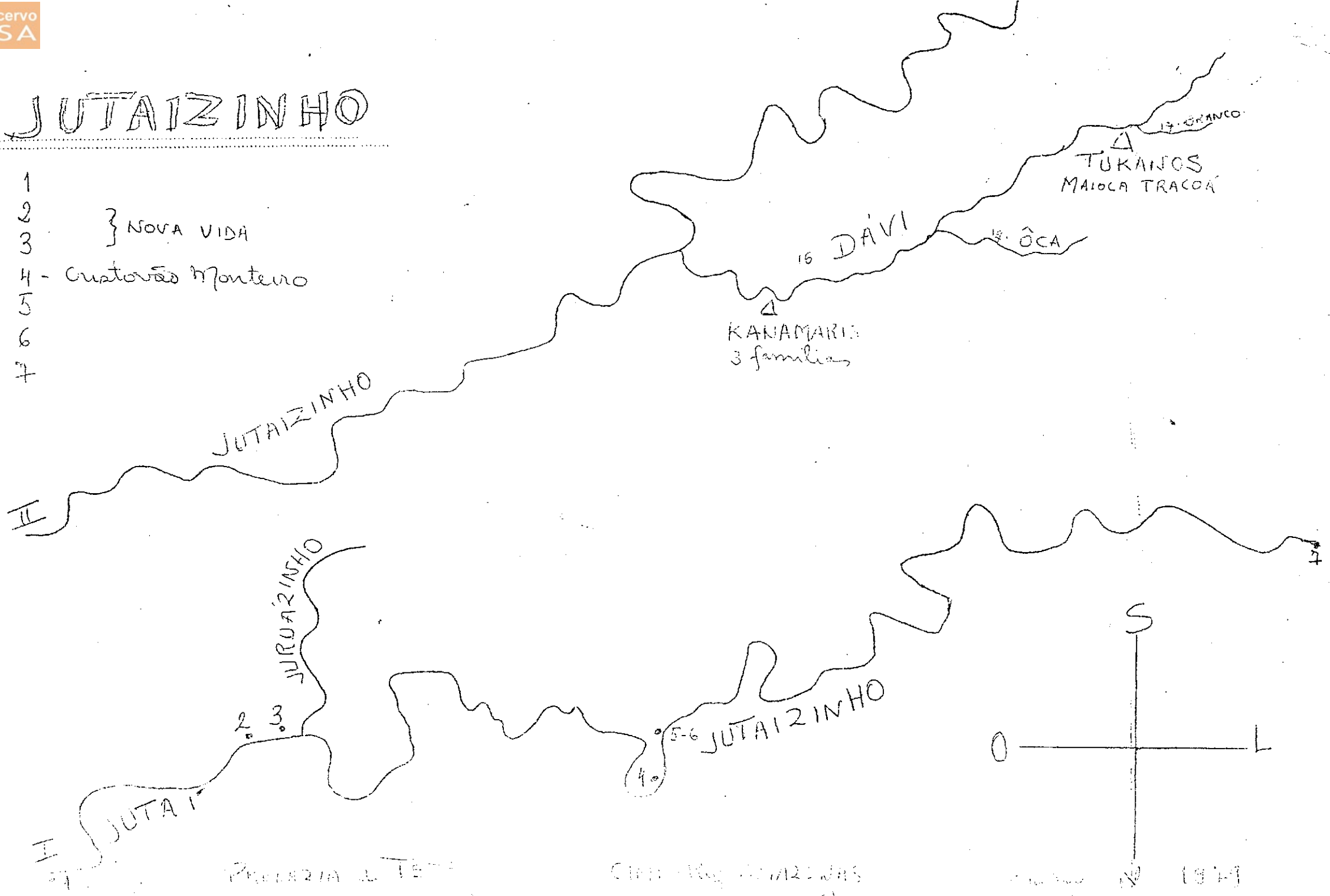
	famílias	população
KANAMARI		
1. NAUA	18	70
2. CARANA	10	39
TUKANO (TUCUN DYAPA)		
3. TRACOA	10	32
KULINA		
4. SIMPATIA	4	22
5. EXTREMA	12	48

CIMI - Rel. Tese - marco 79

26

JUTAIZINHO

- 1
- 2 } NOVA VIDA
- 3 }
- 4 - Cuatoras Monteiro
- 5
- 6
- 7

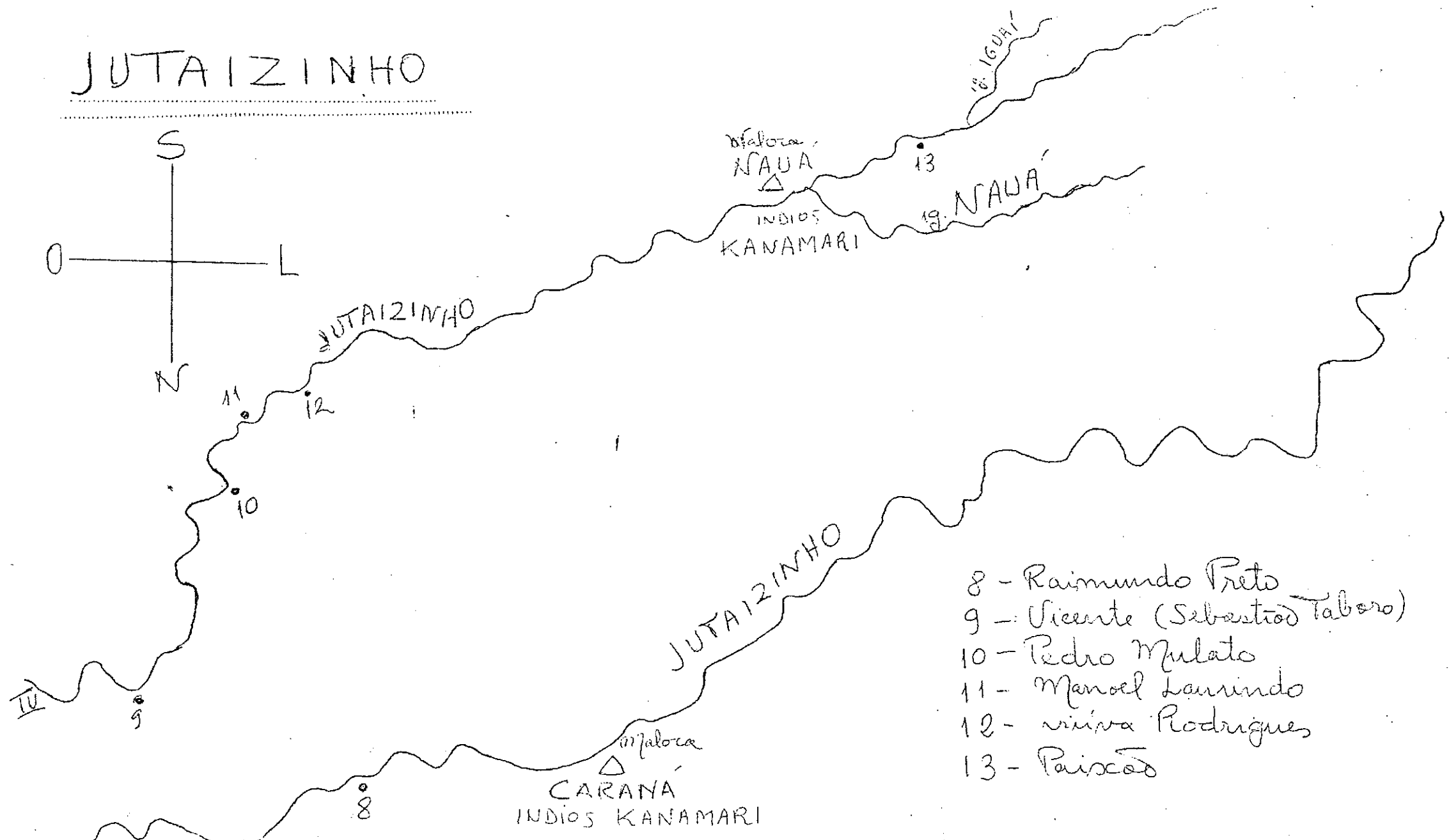


PROFESSORIA L. TE...

CID. M. G. J. J. J. J. J.

1949

JUTAIZINHO



- 8 - Raimundo Preto
- 9 - Vicente (Sebastião Taboro)
- 10 - Pedro Mulato
- 11 - Manoel Laurindo
- 12 - viúva Rodrigues
- 13 - Paiscos

POPULAÇÃO INDÍGENA - R I O J U T A I Z I N H O

I - ALDEIAS, malocas atuais - Caracterização - localização - migrações.

JUTAIZINHO1. MALOCA DO NAUÁ - INDÍOS KANAMARI

- Localização - Encontra-se à margem esquerda do rio Jutaizinho, uns 500 m abaixo da foz do ig. Nauá, que é um dos últimos afluentes da margem direita do Jutaizinho.
- Caracterização - O local da maloca parece já ser bastante antigo. As cinco casas (uma na margem direita) já são bastante velhas. Coberturas de palha (ubimou ^{ou Canavieira} com assoalho de paxiuba) são abertas ao redor. O tuxaua Manduca falou que ainda nesse inverno iriam construir mais casas novas para abrigar as 18 famílias, com uma população de aproximadamente 70 pessoas. Essa população poderá ser aumentada com a vinda de mais alguma família da maloca de Três Unidos - (no Rio Juruá, um pouco abaixo de Eirunepé)
- Economia, Subsistência - O grupo se alimenta basicamente da caça, que ainda é bastante abundante, pesca, pequenas plantações de macaxeira, banana, ananás. Sendo esse regime alimentar complementado em certas épocas com a abundância de frutas da mata. O contato com a civilização branca lhes trouxe muitas outras necessidades: roupa, sal, açúcar, sabão, fósforo, espingarda, cartuchos e outros que são satisfeitos através de uma relação comercial de troca com os regatões. Os índios produzem a borracha ou sorva e trocam por essas mercadorias. Outros vão trabalhar para patrões tirando madeira ou mesmo seringa. Isso a troca de cachaça e mais algumas quinquilharias. Se queixaram muito da exploração dos regatões. São considerados bons trabalhadores pelos cariu (deringueiros) da região.
- Cultura - Todos falam o idioma Kanamari (Tronco ling. Pano (an) família Katukina). Nem todos falam o português, porém a maioria compreende um pouco. Pediram muito que alguém os ensinasse a ler e escrever. Tiveram uma cartilha feita pelos americanos com os índios Kanamari de Três Unidos. Disseram que não ~~se~~ entendem muito bem, embora falando se entendem. Tem suas festas, músicas e rituais.

- Saúde - Encontramos uma porção de gente doente nessa maloca. Houve muita solicitação de remédios. Existe um temor muito grande das epidemias que quase dizimaram a população. Nos informou o seringueiro Almir que em 1975 uma epidemia de sarampa deve ter matado uma 30 pessoas dessa maloca. Todo dia morria gente. Não existe nenhum tipo de assistência ou vacinação (o que aliás não existe para ninguém nesse rio Jutai). A medicina própria parece estar decaindo, desacreditada e sem resposta para as "doenças civilizadas".
- Relacionamento intertribal - visita entre as aldeias
Nesse período de inverno é bastante intenso a visita entre as diversas aldeias Kanamari: Nauá, Caraná, Três Unidos e as famílias (3) do ig. Dávi. De índole muito pacífica e acolhedora esses Kanamari parecem manter bom relacionamento com outros grupos como Kulina, tendo inclusive pelo menos dois casamentos intertribais, bem como recebem a visita dos Tukano (por ora só uma vez) e o tuxaua Manduca já retribuiu a visita indo até a maloca TRACÁ nas babaiceiras do ig. Dávi. Impressionou também o interesse que mostraram pelos Katukina do Biá, enviando mensagem gravada a eles convidando-os para visitá-los.
- Apreciação de um seringueiro cariú - Paixão a respeito dos Kanamari (entrevista com o Sr. Paixão, seringueiro cariú).
"Eles trabalham assim com a gente, dá uns dias de serviço pra um, o sujeito para eles vão embora... quanto eles ganham alguma coisinha que a gente paga, eles extraveia com os outros que não estão trabalhando e pronto... só vive naquela pindaíba, quando plantou uma roça os outros vem e comem, os parentes deles, e eles vivem assim todo tempo. Mas ~~já~~ que outras coisas eles não são ruim não. Também não podem trabalharem, porque nós daqui, nós mesmo morador daqui, não pode dá um auxílio também pra um cabéclo, nem pra trabalhar, porque quando o cara arranjar um panelão de farinha, já é arrancando o quele tem do coração, né. às vezes dá bora dos filhos pra arranjá pra um miserável daquele.
...também eles vivem na miséria, miseravelmente... porque não tem auxílio de ninguém. Mas até que eles fazem... o negócio é que eles vivem sem coragem de trabalhar, não pode trabalhar."

R. JUTAÍZINHO2. MALOCA DO CARANÁ - INDÍOS KANAMARI

• Localização - Essa maloca se encontra no rio Jutai-zinho, na sua margem ^{direita}, entre os igarapés Dávi e Nauá.

• Caracterização - Assemelha-se à maloca de Nauá quanto ao aspecto externo: casas. Apesar disso estava melhor organizado, tendo casinha p^om ralador para fazer farinha de macaxeira, casinha para defu^omar a borracha, pátio limpo. Esse tom um pouco mais "modernizado-civilizado" é possivelmente imprimido pelo atual cacique-tuxaua do grupo, o ARÔ - Geraldo, que já esteve vivendo vários anos em Manaus e de pois retornou à maloca, casando-se com uma índia Tukano. Nas quatro casas ali existentes moram as 10 famílias, num total de 38 pessoas.

• Trabalho - subsistência - As principais fontes de alimentação são: caça, pesca e colota, auxiliada e complementada por uma pequena agricultura de macaxeira (farinha), milho, banana. Para conseguir algumas mercadorias (roupa, sal, cartuchos...) trabalham na extração da borracha que é trocada com os regatões (patrão). Se queixaram também muito de que não conseguem quase nada em troca de seus produtos. O tuxaua Arô inconformado diante dessa situação nos contava sua decisão de ter pedido ao seu povo para não trocarem mais seringa. Iriam procurar outro patrão.

Essa é a época de maior carístia em toda a região. O fato de vários índios nos virem pedir comida: carne, farinha, arroz... parece indicar que a situação não estava boa. Isso é agravado pelo fato de estarem viajando muito nesta época, ou estarem no "centro" (interior da mata) tirando madeira ou procurando popunha. O fato de pedir já é um vício introduzido pelo sistema do regatão.

• Saúde - De todos os grupos visitados esse foi o que nos pareceu mais traumatizado pelas recentes e frequentes mortes ocorridas no grupo, especialmente as epidemias de sarampo, gripe e outras. Encontramos muita gente doente, com gripe. Houve uma solicitação quase desesperada de remédios. Ainda estavam sob o impacto da morte de seu dr. cap. Tewê (pagé-cu^orandor, ocorrido a dois meses.

Ainda a 4 dias antes de nossa chegada havia falecido mais uma criança, ampliando assim o número de mortos dos últimos tempos, que foi bastante grande conforme depoimento deles.

- . Cultura - escola - Todos ainda falam a língua própria do grupo, mas nem todos falam o português. Suas tradições culturais ainda se conservam, enquanto ao mesmo tempo uma série de práticas dos "cariu-civilizados" começam a ser adotados e aspirados por membros do grupo. Ex. tem um toca-discos e alguns discos fazendo de vez enquanto festa (baile) onde também participam os cariú. Essas atitudes parecem estar acelerando o processo de mudança cultura (ou dominação cultural). Demonstraram um grande interesse em estudar, aprender a ler e escrever. O tuxaua nos pediu cartilhas e lápis para eles irem aprendendo.

- . Relacionamento com outros índios - Houve muito entusiasmo quando ouviram a fita com vocabulário Katukina: "é gente nossa, mesma fala, mesma nação". Ouviram atentamente duas vezes a gravação, repetindo em conjunto as palavras que eram diferentes. Foi também uma surpresa para nós. Pois em nossa viagem havíamos ouvido falar que eram grupos inimigos. O velho Pedro ficou radiante de alegria: "vou visitar os Katukinas... Posso descer com vocês?" e o Manoel insistia + "Quando vocês vem de novo tras o tuxaua dos dos Katukina junto. Nós que conversá com ele... visitá eles depois". Tentamos levantar algumas hipóteses para compreender a história desses povos: migrações, divisões em sub-grupos já a muitas gerações passadas. Conforme Alfred Métraux a família KATUKINA compreende uma porção de povos como Kanamari, Tukano, katukina e outros. O pessoal dessa maloca tem parentes e se relaciona com as malocas do Nauá, com os Tukanos do Dávi, famílias Kanamari da boca do Dávi, maloca de Três Unidos (no Juruá)

JUTAIZINHO3. TRACOÁ - INDIOS TUKANO

- Localização - Essa maloca do tracoá fica nas cabeceiras do igaraó Dávi, que é afluente da margem ^{esquerda} ~~direita~~ do Jutaizinho. Mas como levam uma vida praticamente ainda nômade tem outros lugares de parada, como nas cabeceiras do Curuena onde às vezes permanecem por algum tempo, bem como no ig. Branco que é um afluente do Dávi na sua margem ^{esquerda} ~~direita~~ de pois do ig. Oca.
de Adilson (cultura de Dávi) em 1965
- Caracterização - Não conseguimos visitar pessoalmente a maloca, sendo que as informações que chegam foram de índios das malocas do Nauá e Caraná que estiveram visitando a maloca, bem como a Rita que é índia desse grupo e que está casada com o tuxaua Geraldo do Caraná. Na maloca existe apenas uma casa redonda, muito grande onde vivem 13 famílias com aproximadamente 32 pessoas sendo tuxaus o Rui e . Conforme informações de seu Francisco Lamas (de Foz do Jutai) em 1972(?) ele teve um contato com os índios dessa maloca acreditando ele que seriam pelo menos umas 100 pessoas. Daí se deduz de que eu houve uma grande depopulação por epidemias contraídas ~~por~~ em seus esporádicos contatos com os brancos ou exista um outro grupo, outra maloca.
- Histórico - cultura - Conforme informações dos Kanemari esses Tukano vivem próximo às cabeceiras do Jutaizinho, até quando foram atacados pelos "Araras" e sua aldeia destruída. Com esses fatos migraram indo estabelecer-se mais abaixo, entre as cabeceiras do Curuena e Dávi, região em que ainda hoje se encontram. São praticamente nomades vivendo essencialmente da caça. Vivem ~~por~~ totalmente sua vida tribal - sem roupas, sendo que raramente, no verão fazem breves visitas às aldeias Kanemari do Nauá e Caraná. Algumas vezes chegam à casa de algum seringueiro cariú para pedir sal. Nunca houve nenhum atrito com os cariú e quando estes não se encontram em casa os Tuxano não mexem e levam nada. (Ao contrário do que são acusados os Kulina). Usam um tipo de amarra no braço que chamam de Kaíndabí, igualmente na perna chamada : su an. Conforme Francisco Lamas alguns desses índios ~~por~~ são barbudos, assemelhando-se bastante com os cariú. Por isso a hipótese que ele levanta é que eles tenham migrado do Peru, sendo descendentes de grupos do antigo império Inca.

Ainda narrava seu Francisco Lasmar que naquela ocasião os índios lhe pediram roupas, espingarda. Tendo ele lhe dado três espingardas para irem caçar, depois de algum tempo retornaram trazendo tanta caça que não ca-
bia mais no sú motor. E em pagamento dos tecidos que ele lhes havia dado pediu que lhe tirassem umas toras de cedro. "Confesso que explorei os índios, tão grande foi o número de toras de cedro que eles me fizeram" concluía o velho Chico.

Irmão Francisco tem contato com os Tukanos

Por ocasião da desobriga em 1977 o Ir. Francisco encontrou esse grupo de índios Tucanos, na localidade de São Francisco (que em 1979 já não existia mais) e assim escreveu no seu relatório: " Por novidade estava lá este ano um novo grupo de índios do Rio Dávi (Tucanos). Mais ou menos umas 10 famílias. São mais primitivas. Usam pouca roupa e a língua deles é um pouco diferente das outras. Eles chegaram lá para conhecer os vizinhos, aprender alguma coisa e talvez para alguns solteiros uma busca de uma mulher. Também não tinha problema, se ficasse uma moça deles como mulher no outro grupo. Depois de 8 dias de visita, os índios do Rio Dávi foram, por terra, ~~caçando~~ para a localidade de origem deles. Eles tinham prometido de voltar depois de 6 meses. Eles foram por terra, caçando ou pescando, dormindo no mato com as mulheres e crianças deles. Eles só vivem de caça e comem algumas batatas do mato. Não plantam roça. Não usam espingarda, só arco e flexa e matam porcos do mato, onças ou antas" (BOLETIM DA PRELACIA DE TENÉ - ano 7- 1978)

Classificação - lingüística - dados etnográficos

Alfred Métraux: TRIBOS DA BAZIA AMAZÔNICA OCIDENTAL
Hand Buck.....

TRIBOS EATUKINAS

Eucun-dyapa (Tukano-Dyapa ou Mangerona) - Entre o rio das Pedras e o rio Iteccaí, ambos afluentes do rio Javari (lat. 7º S., long. 72º W)

O território dos Tukun-dyapa corresponde exatamente a aquele dos índios Mangerona, descrito por Lange (1912) Os nomes são sem dúvida, sinônimos.

Com isso fica confirmado que os Tukano pertencem à família lingüística Katukina (se entendem com os Kanamari) e que migraram dos afluentes do Javari pressionados pelos Araras.

R. JUTAIZINHO

• INDIOS ISOLADOS - ARARAS (?)

Pelos regatões e outros moradores do Jutai se ouvia referências aos índios "brabos" das cabeceiras do Jutaizinho. Seriam índios muito altos e fortes, barbudos.... Porém só na maloca dos Kanamari - Nauá é que conseguimos alguns dados mais precisos a respeito desses índios. Conforme o tuxaua Manduca sães teriam visto os rastros desses índios que teriam atravessado o igarapé Nauá a umas vinte voltas da cabeceira. Porém nunca tiveram um contato direto com essa tribo, e as informações que tem são através dos Tukanos.

Maloca do Enzo - expedição de identificação

Nos contou o tuxaua Manduca que a uns 10 anos atrás foram encontrados mortos uns (ou um) seringueiros na região de Eirunepé. As morte foram atribuídas aos Kanamari inicialmente. Como esses provaram sua inocência no caso, os americanos (Novas Tribos) sobrevoaram a área localizando essa maloca, conhecida como do Enzo. Também foi organizada uma expedição na qual também foram integrados 5 Kanamari e 3 kulinhas. Essa expedição depois de muitos dias de caminhada chegou até próximo à maloca. Disseram que os índios são muito altos, tem brárba grande. Criam muitos bichos: jacus, porcos do mato e tem grandes roças. Não tem nem machado, nem tersado, nem nada.

Ataque aos Tukanos

Um ataque desses índios à maloca dos Tukanos levou esses últimos a migrarem à região do Pávi, onde se encontram atualmente. Não foi precisado a época em que isso sucedeu.

Classificação linguística

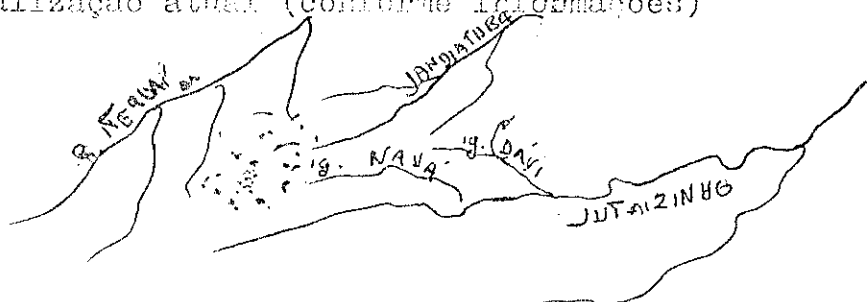
ALFRED MÉTRAUX - TRIBOS DA BACIA AMAZÔNICA OCIDENTAL

Hand Buck.....

TRIBOS PANOAN

- Ararawa (Arara, Shawanawa) - Esses Arara falando o Panoan não devem ser confundidos com os Arara do rio Madeira. Eles estão no alto Liberdade, Humayta e Mabira.

Localização atual (conforme informações)



R. JUTAIZINHO. INDIOS VIVENDO ESPALHADOS - DISPERSOS - FORA DE MALOCA1. Na casa do seringueiro Cristóvão Monteriro

. Ali estavam hospedados os índios: Margarida, Maria e Mariano. Sendo os últimos dois cadados, sendo ela Kanamari (do Caraná) e Margarida sua mãe e Mariano é Kulina. Estavam morando na maloca Extrema. Ele alegou ~~ser~~ estar sendo perseguido pelos outros Kúlinas e por isso veio se refugiar ali. Mas espera fazer ali mesmo uma casinha e ficar residindo.

A casa de seu Cristóvão é a primeira ~~do/da~~ subindo o o Jutaizinho.

2. Kanamaris do DÁVI

Logo na entrada do Ig. Dávi (voltas) tem duas casas onde moram 3 famílias Kanamari, num total de 15 pessoas. São parentes do pessoal de Nauá. Até um casal novo que estava aí no Dávi estava subindo para morar no Nauá. Por ocasião do levantamento encontramos essas famílias indo visitar os parentes da maloca do Nauá. Já tinham estado um tempo na maloca do Caraná.

3. Na casa do Paixão

. É a última colocação do Jutaizinho. Umás 2 hs. de motor acima da boca do Nauá. Com ele estavam três Kanamaris. Dois rapaizinhos e uma moça. Eles dizem que vão ficar ali com ele. Mas acredito que depois de um tempo eles retornem à aldeia (Nauá)

4. Na casa de Sebastião. ~~Fabiano~~ ^{KAIQMA} Gonzaga ^{Daniel} ^(MAJAWI)

Ali estava o ^{KAIQMA} ~~Dávi~~, sua esposa Maria com seus três filhos. Ele estava trabalhando com seu Sebastião tirando madeira. Eles são da aldeia de Nauá. Disseram que iriam ficar morando ali, o que não é muito provável.

V - PRESENÇA DA IGREJA JUNTO AOS INDIOS DO JUTAI1. No passado

São muito difíceis as informações históricas a esse respeito. Não se tem nenhuma informação segura sobre a presença de algum missionário nesse rio até o presente século. Não se tem referência sobre a presença de Jesuítas ou Carmelitas nas reduções ou aldeamentos formados pelos - descimentos no Solimões e alguns afluentes. Fica a questão: houve alguma redução ou aldeamento formado ou cuidado por missionários, no Jutai durante os primeiros 4 séculos?. O fato do Jutai ter sido o rio com maior população indígena aldeada na segunda ~~1/2~~ metade do século passado indica que é provável que tenha havido alguma presença da igreja junto a esses aldeamentos. Porém, se esta houve, nada se sabe a seu respeito.

Com a criação da Prelazia de Tefé, no início desse século e o grande número de seringueiros que migraram para esse rio, é possível que também os índios tenham recebido alguma atenção parte do padre que fazia a desobriga no rio. Porém não consta que tenha havido algum interesse ou trabalho especial, como houve por ex. no Juruá por parte do Pe. Constantino Tastevin (1913 a 1930).

Só em 1950 o Pe. João Van Den Dungen foi morar na Foz do Jutai. A partir de então a população desse rio passou a ter nele não apenas seu líder religioso, mas o batalhador contra o regime de escravidão e exploração de que o povo desse rio era vítima. Com relação à sua presença junto aos índios, infelizmente Pe. João não tem deixado maiores informações. Mas sabe-se que ele os visitou por diversas vezes em suas malocas.

Após a morte do Pe. João em 1972, Ir. Francisco passou a fazer a desobriga nesse rio. E foi ele que tem acompanhado a gente no levantamento da população indígena no Jutai. Sua visão de Igreja o torna muito limitado com relação a um trabalho de pastoral específica como no caso das minorias indígenas. Por isso irei narrar alguns fatos que mostram um pouco essas atitudes, não com o intuito de desmerecer o Irmão em sua boa vontade, mas para ajudar a refletir e pensar essa pastoral específica.

2. No presenteMISSA NA MALOCA

No dia ~~22/08~~ chegamos à maloca dos índios Kulina no rio Bid. Lá chegando o Irmão Francisco estava bastante ansioso pedindo se eu ia rezar missa para os índios. Como por aí não adiantava comprar briga deixei a critério dele. Ele desceu ao barco buscar o material. Num dos ranchos montamos o estranho cenário: mesa, partícula, cálice, crucifixo, vela.. Ao nosso redor a maioria continuou sentida na paxiúba, no que os seguí. Outros, curiosos ou displicentes, estavam de pé próximo à casa. O jeito era fazer acontecer alguma coisa. Conversa, leituras...um dos índios ten

tanto traduzir os estranhos conteúdos e símbolos para a língua própria. Tentativas de adaptação, de simplificação...mas tudo meio estranho. Nessas horas a gente dá um pulo no tempo e se sente em 1500, rodeado rodeado de mudos e atônitos espectadores. E a gente se sente realmente participante de todo o processo de dominação física e cultural que se desencadeou e chega até hoje. E a Evangelii Nuntiandi, que manda respeitar e valorizar a cultura desses povos, e os princípios da Antropologia da sociologia, da autodeterminação...tudo isso dá uma grande angústia e ao mesmo tempo a firme convicção de lutar contra toda forma de dominação e tentar ser uma presença cristã libertadora e respeitadora do meio dessa gente.

FAZENDA CRISTÃOZINHOS

Meu amigo Ir. Chico tá com uma pressa danada de batizar, firme no princípio de que só quem é batizado se salva! "se esses bichinhos morrem assim tudo pagãzinhos!".

A dois anos quando passou nessa maloca batizou 4 índios. Desse vez a vontade de batizar ~~de~~ muito mais. Aí a gente teve que brigar um pouco para que pelo menos alguns princípios básicos de evangelização e suas etapas fossem respeitadas, e que isso a gente poderia depois pensar com mais tempo. Chegamos a um acordo. Mas o filho do Dico (caboclo casado com índio) era preciso batizar. Na hora do batizado ele cismou em batizar também o filho de outro meatiço. A mãe, que é índia inicialmente não queria, mas depois acabou aceitando. A menina, já de uns 2 anos começou logo a chorar.

Terminada a missa: "vamos fazer cristãozinho...batizar". Pedí que o Irmão fizesse os batizados. Ele puxou de dois folhetos com o roteiro do batismo e contente fez o sinal da cruz seguindo ipsis literis o folheto. Lá pelas tantas: "Vocês querem que vossos filhos sejam batizados?" - diga "sim". Quando se virou para o outro casal, surpresa - "Cadê a mãe? onde está a criança?". O marido logo deu o endereço - "tão aí no mato, foram..." O Chico caiu em si, deu uma risadinha e sentou. Intervalo por ausência do batizando. Uns gritos em Kulina e daqui a pouco aponta a mulher com a filharada. Reinicia-se o batizado. "Diga sim...diga não...eis mais um cristão."

Mas o trufo do Irmão está nos padrinhos! "quando vou batizar essa gente sempre levo um civilizado pra ser padrinho deles. Assim ele pode ir enciando um pouquinho pra eles sobre a religião". No caso os dois casais um teve que ser padrinho do outro.

BIA INDIGENA

tuas águas claras
 escuras noites estreladas
 a mata perfumada, amada pelos teus filhos
 teus inúmeros furos, igaraçós, igapós, ressacas
 originalidade do criador,
 profundamente conhecido pelo teu povo

KATUKINA

sobrevivente ao massacre,
 teu povo a uns poucos reduzido
 mas teimosamente VIVO,
 vivendo sempre o perigo da "civilização",
 que vai apertando o cerco,
 já compraram tua terra criadora,

o ðaraçõ

APLUB

até quando a paz?

quem vencerá a luta?
 será que vão profanar teu chão sagrado?
 ou vencerão teu heróicos filhos

que saberão te amar,

respeitar

sempre

e continuarás sendo com orgulho

RIO INDIGENA

BIA INDIO

KATUKINA

OPINIÕES
E
INFORMAÇÕES
DOS
SERINGUEIROS
SOBRE
OS
INDÍOS

ANEXO - 1INDIOS DO JUTAI

Informações de FRANCISCO LASMAR -de Foz do Jutai

1 SOBRE OS KATUKINAS

"Em 1925 meu pai era regatao ai no rio Jutai. O preto Carlos vivam em contato com essa tribo de Katukinas, era um homem, apesar de negro, de coração grande. Ele foi arregimentando essa tribo de Katukinas numa parte do rio Biá. Essa parte ele deu nome de Matrinhão - maloca do Matrinhão. Ai ele comprava mercadorias de firmas como Jô. Araujo, e ai levava o índio a um certo conceito de trabalho: extração de borracha, serva naquele tempo era uma coisa ainda mais remota, né. Mas a borracha já tinha feito progresso, instituída por lei. /~~BB/AAA~~

Os anos passaram e ele arregimentou esse povo, para que extraíssem borracha. Como eles faziam parte de um outro grupo irmãs que eles dividiram por questão de amizade, e se intitularam os Kurinas. Esses homens continuaram trabalhando e dando um certo progresso.

Viadências e interesses de terceiros - Terceiros entraram dentro desses rios em 1924 e começaram a criar desentendimentos entre os Katukina e Kanamari. Aonde chegou o ponto deles assassinarem índios na maloca Kanamari. E esse elemento, que eu não vou citar o nome dele porque é um nome tradicional e sua família vive no sul..., mas muita gente sabe. Esse elemento tirou uma de assassina, mandou matar o preto Carlos em 1925. Foi um dos crimes mais hediondos. Esse homem fugiu foi embora e alguns índios ainda perseguiram ele... esses índios ficaram meio desorganizados, né. Depois de uns anos veio uma investigação da policia, mas acobertada por capitais estrangeiros ou mesmo capital local, os índios foram trabalhados para que dissessem - cadê Katukina? - "metreu de cripe, de cripe".

Eles matavam o índio, partiam ele por dez e pinduravam nas travessas e deixavam para atemorizar os outros da tribo.

Isso passou e com os anos isso começou a gerar desconcerto entre eles, né. Ai meu irmão passa a ser um dos chefes, um "indigenista", ajudando aqueles homens e tal, mas também com seus interesses próprios.

Os Katukinas, sua relação com outros grupos, sua superioridade

Os anos passaram ai começou a arregimentação de tribos dos Kurina que desciam o rio Biá, se juntavam e com o viverem de guerra, de brigas, né. Mas o Katukina nunca abandonou aquele seu ponto de vista de superioridade, mesmo quando era com seus irmãos Kurinas. Sempre foi um índio superior.

anexo 1

Descasos da FUNAI - Os anos passaram. Eu trouxe índio pra cá, eles passaram aqui, mas eles dificilmente se mantêm na mata civilizada.

E daí partiu essa confusão entre tribos do Jutai e o descaso das autoridades da FUNAI que nunca tiveram conhecimentos. O Jutai não tem assistência nenhuma dos poderes governamentais. // O governo deveria levar não só assistência pessoal, mas cultural e religiosa. Porque mesmo as religiosas, eles procuram explorar o índio em seu benefício. Que não é porque eu digam: meu Deus, meu Deus, que eu sou bom, né, certo. Exploração - forçados a migrar - O índio faz aquele barracha, e o outros (regatoses...) depois levam, e o índio // // vai se dispersando tudo, sempre fugindo pra cá e pra acolá. É preciso que a FUNAI procure fazer uma pesquisa aprofundada da vida nãade do Katukina. Em geral eles de estar andando não. O nosso homem é que força ele pra mudar-se. Chega, toma conta das terras, tira um fabrico aí, terra borracha, en gana o índio, pega a canoa e vai embora. Compra a sorva, dá um rádio o índio quando descarrega a pilha joga o rádio na água porque ele não é bom e assim por diante.

Kurinas, Katukina, Kanamari, origem e divisão -

Os Katukinas e os Kanamari antes de 1900 viviam no alto Juçua, na confluência com o Jutai e ~~os~~ // // outros afluentes. Quando o velho chefe, tuchaua morreu, como eles eram irmãos e nunca tiveram um desentendimento fizeram um contrato para se dividirem, sem haver briga. Então acertaram: tu vai pra ali e eu vou pra lá. Quem quer vir comigo? - "eu"; e quem quer ficar comigo? - "eu. E assim eles dividiram um pouco pra cada lado, mas ainda ficou o grosso. Todos eles tinham agricultura, plantações, ne. Daí originou-se essa tribo de Katukina. Porque eles eram todos Kurinas, mas dada a separação de ponto de vista eles tiveram que tomar ou outro nome. Nós somos os Kurinas e vocês os Katukinas.

Daí eles começaram o progresso dessa tribo Katukina às margens do rio Jutai, pelos afluentes, Ipixuna e outros igarapés, onde eles ~~os~~ // criaram malocas como Manaus, Matrinchão, Ipixuna e não me lembro o nome de outras malocas assim. Agora eles não ficaram - aregimentados só num grupo. Eles se deslocaram pra ali um pouco, pra lá outro pouco e pra ali outro pouco. Mas obedecendo uma direção central do tuchaua dos Katukina e recebendo visitas do pessoal da irmandade dele, do irmão dele, ne. Nunca houve distúrbio. Ai houve quem quisesse provocar uma guerra entre eles. Questão de gripe. Mas houve intervenção do governo, Sa Peixoto, me parece e se contornou essa parte. Porque eles iam brigar, se liquidar por interesse de terceiros, pra ficarem com as terras.

anexo - 1

Dados culturais, festas

Eles, no início se gantinham com o cawin, (nao sei quando apa receu a tal cachaca), feito de popunha, Feito a caçuma, aquilo fermenta dentro de vasos de barro e com um grau de 22°. Tambem Eles extraem de outras madeiras como seja o inaja. Eles cavam aqueles piloes e deixam aquilo escorrer ali dentro e dai fazem uma fermentação, e dá uma bebida muito suave. Talvez se for engerrafado vai suplantar o Wiski. Agora aquelas bebidas sao distribuidas conforme os ritos da tribo. Nem todo mundo vai chega lo e bebe. Agora o homem comum vai pro pote da caçuma.

2. SOBRE OS TUKANOS - do Dávi

Eu, fazendo uma ~~XXXXXX~~ transporte de madeira dentro do Jutai atingi as cabeceiras do Dávi. Nessa altura desceu uma qualida- de de índios, que ia g mais de 100 pessoas entre mulheres, crianças e homens e entraram em contato com nós do rebocador, alegando que estavam sem roupa, estavam sem arma, sem munição porque tiveram uma briga com os Araras que desceram daí dessa contraferete do planalto andino e incendiaram suas malocas e tomaram tudo que eles tinham. E daí a gente achou que devia ajuda-los...

Eu entrei em contato com o Tuchana. Fiquei ate apreensi vo quando ele se apresentou: homem de cor clara, barba, tipo um espanhol de segunda estirpe. Estas tribos são nomades. Vem das confluencias do Atalaia, das confluências do Jandiatuba, do ~~XXXXXXXXXX~~ Jaturana, do Curuena e que fazem fronteira com terras do Peru. Agora eles não molestam a gente. Agora tem outras tribos que molestam o homem de la. Dizem que eles vivem sob a espessa de guerrilheiros. Mas faz parte la do Peru. Ninguém pode provar. De vez enquanto eles atacam aquelas colocações de seringueiros: matam, roubam, incendiam e os índios fogem para as terras brasileiras.

3. SOBRE OS KUKUNAS E O MOMENTO DO IRMÃO JOSE DA CRUZ

Quando em 1945, eu efetuei viagens para dentro do Iça e na parte Colombiana no Putomaço. Nessa altura já existia o Tukuna, mas com um titulo de "scholo". Eles eram arredios, viviam perseguidos, nao tinham direito a nada, trabalhavam pela alimentação e uma roupa. E os anos passaram. Eles foram se arregimentando, foram dando aquele ~~XXX~~ conceito de índio, que eles praticamente são os índios mais avançados, do que o nosso caboclo, porque eles tem uma cultura milenar. E daí eles partiram pra se arregimentarem em favor de seu povo que hoje conta com muitos milhares de Tukunas.

Irmão José da Cruz

É quando aparece o Irmão José, que não conheço, mas segundo sei é uma pessoa culta, que sabe arrégimentar o pessoal, levá isso de bom pra eles, no sentido exato que eles precisam. E eles vivem aí obedecendo uma certa lei que ninguém sabe se isso mais tarde vai criar um certo problema ou não para os governos, né. Pois bem esse pessoal, os Tukunas lutaram pra se arrégimentar, Eles tiveram cobertura do proprio comandante de fronteira...Hoje eles tem as aglomerações deles.

Controvérsia, suspeitas - Agora há uma controvérsia que o Irmão José faz isso e aquilo pra arrégimentar esses homens pra mais tarde fazer guerrilhas. Isso tudo são coisas que não está enquadrado no pensamento do homem civilizado. Porque ele apenas prega a religião. A religião do tukuna. Você pergunta ao tukuna: que voce obedece? - s Deus". Por mais que isso amanhã divirja, quando estiver preparado pode partir pra outra coisa.

cultura - descendência - Mas que eles são uma cultura tão evoluída quanto a nossa, em certos setores mais desenvolvida do que a nossa regional. Não ~~podemos~~ vamos dizer quanto à cultura dos brasileiros do centro e do sul e os homens que vivem nas repúblicas européias e mesmo em outras terras, né. Agora eles são uns homens de cultura avançada, trabalham pra eles.

Agora eles tem uma cultura muito avançada sobre o teor folclórico brasileiro, Eles tem as festas religiosas, eles constroem instrumentos, eles constroem canoas, eles constroem chapéus. Eles fazem coisas que o nosso homem daqui, dentro desse setor amazonico, ainda não equiparou. Portanto eu admiro eles nessa parte, porque eles são muito mais milenar do que todas as tribos de índios brasileiros.

Esses tukunas vivem sobre a orientação e guarda dessas tribos incaicas, sobre o domínio do rei Atauvalpa (333333 até a chegada dos espanhóis). Eles vendo que a situação estava se tornando vilidrosa para eles, e o peruano lá do departamento de Loreto, esse índio, queria sujeitar o homem ao trabalho duro e eles encontraram facilidade aqui no Brasil, e a maior parte veio pra cá. Trabalham, vendem seus produtos, ninguém persegue eles. Mas haja vista, a gente tem que ter cuidado com essa gente, porque eles tem cultura, viu. Eles tem um código muito firme. O Tukuna não delata o amigo. "Não sei, não vi". Você viu isso? - "não"; não viu? "não". E daí ninguém vai saber nada dele.

MANDEL TABOSA BRAGA:

Os índios são até bom de lutar, com a gente. Mas eles são assim porque não tem mentalidade, né. Não sabe como é que se veve o trabalho. Mas eles trabalham assim com a gente. Eles trabalham uns dias, a gente paga e eles vão embora. Daqui um pouco de tempo eles estão por aqui denovo. Quando eles ganham alguma coisinha eles extraveiam com os outros que não tãõ trabalhando. Portanto só vivem naquela pindaíba. Quando plantam uma roça vem a parentagem deles e comem tudo. Eles vivem assim todo tempo. Mas que em outras coisas eles não são ruim.

Também não podem trabalharem, porque nois daqui, nós mesmo não pode dá um auxílio pra um caboclo prum-caboclo, nem pra trabalhá.

QUANDO O CARA ARRANJA UM PANEIRO DE FARINHA JÁ É ARRANCADO DO CORAÇÃO O QUE ELE TEM.

Da boca dos filhos pra arranjar pra um pobre miserável daqueles. Um pão de farinha não dá pra eles trabalharem também. Entõces que a situação deles também veve precária por isso. Porque ninguém pode.

Os patrão quando vem não vendem nenhum quilo de açúcar pra nenhum deles. Só se tiver produto na hora. Também eles não adiantam, coisa nenhuma pra eles

TAMBÉM ELES VIVEM NA MISÉRIA, MISERAVELMENTE POR ISSO. ELES NÃO TEM AUXÍLIO DE NINGUÉM.

Mas até que eles fazem.

O NEGÓCIO É QUE ELES VIVEM SEM CORAGEM DE TRABALHÁ

Mas se tivessem um que domesticasse eles, tivesse alguma coisa pra arranjar pra eles, eles trabalhavam e produziam muito produto. Mas os miseráveis também vevem, coitados, se batendo, sem auxílio de ninguém

MORREM MUITOS AÍ À FALTA DE UM REMÉDIO

SOBRE OS KULINA

"Os índio, eles são até boa pessoa. O negócio é que ninguém pode sair de casa. Atuidade é isso. Porque se a gente sai de casa e eles nesse dia passam por aí, vão levando tudo. De roupa pra cima é tudo que eles encontram vão levando.

Mas até que eles são boa pessoa pra trabalhá assim com a gente.

Os Kanamari eles não tem esse costume de roubá.

JOSÉ TEIXEIRA: - Sobre os Kanamari do Mutum e Jutaí.

"Meu falecido pai, Raimundo Mariano Teixeira foi quem aman sou esses índios Kanamari do Mutum(cabeceiras) O tuchaua deles era o Manduquinha. Depois que ele morreu eles se espalharam tudo.

O irmão do Manduquinha, Pedro, morava com outro grupo no igarapé do Limão, próximo à boca do Mutum.

Até uns 3 anos atrás, nas cabeceiras do Mutum tinha kulina e o tuchaua deles era o Manoel Suzu.

Mataram foi muito Kanamari nesse rio.

LUIS GONZAGA DANIEL: - Sobre os Kulina: no Gregório e que agora tem um grupo no Jutaí - do Armando.

Observação : quando no texto ele se referir a "caboclo" é sempre igual a "índio".

Quando eu trabalhava no Gregório(afluente do alto Juruá) tinha uma maloca de caboclos aqui no Primavera, com uns 60 caboclos. Tinham um bananal muito grande. Eles trabalhavam. Estive lá porque o patrão me mandou lá com eles(cóntá) cortá seringa, né. Os caboclo trabalhavam, botando roçado grande. O patrão dava roupinha, sustentava eles.

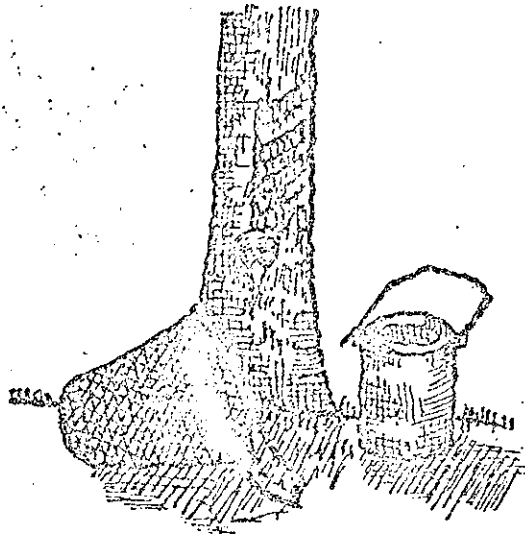
Negócio de persersidade de caboclo nesse tempo não tinha. De um certo tempo pra cá é que eles vivem matando uns aos outros, roubando....lá os caboclo não andavam roubando, porque não faltava nada pra eles. Hoje falta tudo pro caboclo, eles robam porque robam mesmo, porque eles não tem nada.

Tinha uma maloca de um caboclo por nome João Curina. Esses caboclo era tudo domesticadozinho. Tudo que a gente mandava fazê eles faziam. Trabalhador esses caboclo.

Tinha outra caboclo maloca de um sujeito chamado Maú. Nesse tempo o chefe da Inspeção dos Índios (SPI) era Bento Leme. Os caboclo iam lá em Manaus, traziam mercadoria, abriram um seringal, entences facilitaram pra ele ficar dono do seringal. Faziam bastante borracha. Aí formaram um posto(do SPI) lá no Gregório. Aí um sujeito de nome Alfredo Silva, sergipano tomou conta lá dos caboclo. Fizeram grande agricultura, criaram gado. O que é certo é que esse camarada começou trabalhá com os índio, quando nesse viagem com o Bento Leme trouxeram um engenheiro pra moer cana, e quando acabaram de moer a cana e tal, o Alfredo vendeu o açúcar todo, vendeu o gado e deu no pé e os caboclo ficaram só com a capoeira. né.

NÃO GANHAVAM COISA NENHUM. O QUE ACONTECE COM A GENTE, CABOCLO E TUO É ISSO.

DÉPOIMENTOS



A DRAMÁTICA SITUAÇÃO

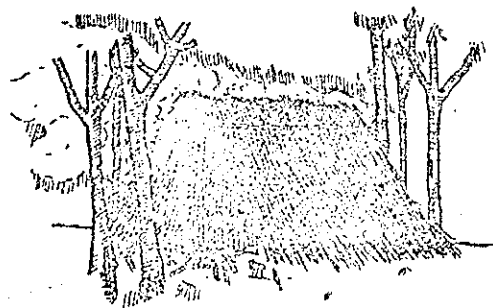
da

POPULAÇÃO

· SERINGUEIROS - SORVEIROS - EXTRATORES de MADEIRA

do

JUTAI



PRINCIPAIS PROBLEMAS
dos
SERINGUEIROS DO JUTAÍ

1. Exploração dos regatões (patrões ~~de~~ marreiteiro)

Quando em 1950 se deu a chamada "libertação dos Jutai" que mantinha um regime de escravidão, na verdade se passou para um novo regime de exploração dos seringueiros e índios, feito pelos regatões. Essa situação se agrava cada vez mais, aparecendo em toda sua crueldade os sofrimentos violências e morte gerada pelo capitalismo selvagem nesse rio. É o que se pode ver nos mais diversos depoimentos de seringueiros dessa região: "A vida aqui é assim: o pobre trabalha morrendo. E quando eles (os regatões-patrões) vem é tomando e levando o que a gente tem" (Manoel Tabosa Braga); "Não podemos ir pra frente. Eles (regatões) não deixam nois se aprumá. Se nois qué fazê alguma coisa eles tomam da gente. Por aqui só é querer mamá o que a gente tem a mais nada. Deixam o fraguês nu" (Lazaro Vieira da Costa); "Que eu sei ézê que nesse Jutai aqui pra nois é um cativoiro. Aqui ninguém ganha nada. Os comerciante (regatão-patrão) não deixam, exploram demais os pobre". (Francisco Neves do Rosário); "Então o camarada tinha que trabalhá que não jumento, boi e cargueiro, no inverno e no verão... a situação é uma coisa tremenda que só ~~é~~ ouvindo contá ninguém acredita. No Jutai, se alguém entrá pra ganhá dinheiro, ele lá vai é deixá: se entrá vestido ele sai nú e se entrá nú, lá ele fica, sem mais condição de sai, lá ele fica enterrado em qualquer baradão daqueles". (Alvaro dos Santos). "O rio é cheio de regatão, e cada qual qué ganhá mais. O senhor crê que tem regatão aqui que entra com uma canoazinha com quatro basterinha dentro. Negocia um ano, e quando negociô um ano no outro já compra um motor melhor. Aí no outro ano já compra um motor melhor ainda, como tem acontecido com vários aqui. E nós ca da vez pior. E no fim acontece é que ainda falam mal da gente, porque são uns bando de velhados e tal. Triste deles se não fosse nois aqui. Só trabalhamos pros outros, né" (José Marques)

E assim poderíamos multiplicar os dezenas desses depoimentos colhidos nas beiras desse rio, nos mais diversos e longínquos barracos de seringueiros. Muitos nos forneceram a lista dos preços absurdos que tem que pagar pelas mercadorias, sendo muitas vezes até 300% ou 400% a mais do preço da mesma mercadoria em Manaus, Foz ou até mesmo no Foz do Jutai.

Apresentando-se a isso o preço aviltante e insuficiente que é pago pela produção de seringueiro ou serveiro, temos uma idéia do quadro dramático da exploração e miséria dos seringueiros.

Esse sistema decumano de extrativismo na região tem como um dos efeitos mais imediatos o êxodo e esvaziamento dos seringais.

2. Os peixeiros: a exploração capitalista, predatória e irracional dos peixes - alimento básico dos seringueiros

Para agravar o quadro de sofrimento dos seringueiros, está ocorrendo nessa década uma verdadeira invasão predatória das empresas ou grupos de peixeiros, tirando o pão da boca do pobre seringueiro. O peixe começa a sumir dos lagos e do rio. A fartura e facilidade com que era conseguido esse alimento básico durante todo o ano, se transforma numa agoniada e penosa tarefa a mais a que o seringueiro tem que se lançar para tentar sobreviver. A fome, a subnutrição, a carístia são coisas com as quais o seringueiro sempre mais vem se debatendo.

"Hoje a alimentação pro seringueiro tá difícil. Aqui tem muito lago mas não tem peixe porque já foi terminado. Tinha muito mas os peixeiros que ando aqui dentro alimpam. Em todos esses lagos fizeram bateção, botaram malhadeira. E ~~já~~ afinal que acabaram com tudo." (José Marques) "Antigamente aqui era farto. Aí começô invadí os peixeiros. Até alguns próprios seringueiros foram mostrá lago, a troco de bobagem: uns quilinho de açúcar, querezene... ~~se~~ eu não zelo melhor é porque os comerciante invade..." (Mario Jaques)

3. Doenças: a morte sem remédio e sem surpresa

O Jutai tem a fama de ser um dos rios de muitas pragas e doenças. A malária, apesar do esforço da SUCAM, continua a ser bastante frequente na região. Além disso a principal doença que é a fome e desnutrição predispõe os pobres seringueiros às mais diversos tipos de doenças. Febres, inchações, infecções... se pode encontrar em quase todas as famílias. Além disso as picadas de cobras, arais e outros bichos são bastante frequentes.

Nesse contexto se debate o seringueiro numa luta desigual contra a morte que ronda constantemente o seu rancho. Em diversas famílias que estivemos visitando, nos contavam com bastante conformismo e naturalidade que já haviam falecido três, quatro ou mais membros de sua família. A dura realidade os tem levado a encarar a morte com bastante naturalidade. Deus quis assim!

O alarmante é a inexistência de qualquer tipo de atendimento à saúde nesse rio. ~~Não há~~. Em mais de 1.200 km navegáveis e habitados por seringueiros e índios não existe hospital, ambulatório, posto de saúde e nem mesmo qualquer atendimento esporádico por algum médico ou enfermeira. O Irmão Francisco, continuando o trabalho do Pe. João, é o único que procura prestar algum serviço nessa área. Além disso são os rezadores, benzedores, curandores e Deus, a quem podem apelar.

Remédio é vendido a altos preços por alguns regatões. Como, de maneira geral, a situação econômica já é péssima não tem condições nem sequer de comprar alguns remédios básicos.

Vejamos os depoimentos dos próprios seringueiros a esse respeito. "Remédio aqui nesse rio é Cibalena e Melhoral, quando trazem. Quando não trazem é os poder de Deus. Doutor ninguém não conhece, não sabe o que é" (Manoel T. Braga) "Se cai doente aqui morre à míngua. Não tem quem traga remédio. Agora mesmo tem um genro meu que foi picado de cobra. Tafi com uma perna coica muito feia...quase morre. Nem uma penicilina pra apli cá nele não tenho. É homem que fais dois mil quilos de borracha. Vai se embora tudinho e o homem não tem nada. Assim é tudo aqui"(Luiz Gonzaga Daniel). " Se o camarada adoeca ele não tem direito a um remédio. Ele só tem direito à mata. Os remédio que os patrão traz do hospital, gratuito, pra dá, eles fazem é vendê. Isso não é um só. É todos eles. Por isso que o pessoal daqui nunca vai adiante. É o lugar que não é enchergado".(Lázaro Vieira da Costa).

A situação fica ainda pior para os "arigó"(nordestinos) que até hoje continuam como peixes fora da água, sem raízes, sem auto-defesa para as doenças e pragas da região e muitas vezes sem conhecimento das coisas más elementares de primeiros socorros ou atendimentos de urgência. Por ex. visitamos um que havia sido mordido por cobra, indo para casa deitar se na rede debatendo-se em dores, sem fazer absolutamente nada que pudesse ajudá-lo. Um outro que também havia sido picado por cobra comunicou ao rezador mais próximo que lhe enviou uma cordinha para pendurar no pescoço. Caso não houvesse melhora no outro dia ele viria pessoalmente.

Essa falta de qualquer atendimento à saúde e de remédios foi um dos motivos alegados para deixar o seringal e ir para alguma cidade onde tem mais recursos.

4. Educação: semo tudo analfabeto - escola não tem

O fato de não ter uma escola sequer após os pequenos núcleos já próximos à boca foz do Jutai, é sem dúvida um dos grandes motivos que está levando os seringueiros a abandonar os seringais em busca das centros onde seus filhos possam estudar.

"A situação do povo aqui é essa: só existe gente analfabeto, homens e crianças...não tem nada., é só casa velha, canoa velha e tudo assim" (Nilo. L. dos Santos) "Aqui nós precisava pelo menos uma escola pros nossos filhos. Os meus filhos é tudo criado sem sabê nada - analfabeto" (Mario Jaques) "Esse é um rio escuro, não tem escola de jeito nenhum." (José Marques).

A escola é vista um pouca como um poder mágico que livra os descen-

tes dos seringueiros da vida difícil e sofrida que os pais estão levando. E como não existe essa escola ao longo de mais de 1.000 km do Jutai, e é muito difícil simplesmente mandar os filhos para Foz do Jutai ou outras cidades para estudarem a alternativa que normalmente buscam é saírem do seringal. Existe uma outra tentativa de saída com a experiência de Copatana que é um pequeno povoado formado de seringueiros que moravam no médio Jutai e cujas famílias vieram morar nesse povoado, porém continuam trabalhando na extração da borracha durante o verão quando se desbocam para o rancho de sua antiga colocação. Com isso tem a vantagem de poder colocar os filhos na escola, que funciona precariamente, e ter alguns atendimentos a mais a nível de saúde e orientação agrícola. Porém esses sistemas não está funcionando muito bem, pois o baixo preço da borracha e alto preço das mercadorias exigem sempre maior produção do seringueiro que por isso tem que empregar muitas vezes toda a família, nessa atividade, impedindo assim com que as crianças continuem a frequentar a aula no verão.

5. Terra: ninguém tem propriedade - quase todo Jutai pertence à APLUB e
Madeiraira Moraes.

Conforme informações obtidas a APLUB e Madeiraira Moraes de Manaus compraram as terras grilladas pelos Affonso e que compreendem toda a extensão das duas margens do Jutai a partir da boca do Biá. Foi falado que a APLUB havia comprado 1.500.000 ha e a Madeiraira Moss 2.000.000 ha. Outros que possuem seringais nesse rio são Dário Lasmar, com o seringal São Francisco e São Pedro e o Marrio Ferreira que tem o seringal Pataua.

No momento essa situação das terras não parece ser a grande preocupação dos seringueiros pois sempre estiveram sob o mando de patrões e nem sequer tem informações a respeito da situação das terras onde moram: se tem dono, quem é, se é devoluta. Quando comentava com alguns as informações de que essas terras haviam sido compradas por grandes empresas e que não se sabia o que poderia acontecer algum meio surpreso com a informação se limitou a dizer: "decerto eles não vão botá nois pra fora da que né!"

É uma grande interrogação o que poderá acontecer nesse rio nos próximos anos. O extrativismo da serva e borracha está decadente, mas está começando a aumentar a extração de madeira, as perfurações para localização de minérios... Aliás comenta-se na região que essa é uma área muito rica em minérios. De fato o CPRM tem feito pesquisa e levantamento nos últimos anos nesse rio tendo localizado: linhita turfa e saprolita no baixo e médio Jutai, estando os projetos aguardando decisão do DNPM.(1)

6. Agricultura: impossibilidade de praticá-la; decadência total

Uma das causas que vem contribuindo muito para o estado de miséria e especialmente pela subnutrição e anemia da população desse rio é o fato de terem sempre mais que trabalhar na extração da seringa, sorva ou madeira e com isso ventamente foram acabando as pequenas culturas de subsistência: macaxeira, feijão, abacaxi, arroz e outros. Não tendo mais tempo para fazer roça a população ficou totalmente dependente dos regatões, que com isso podem aumentar seus lucros e manobrar com maior facilidade os fregueses. E como generos básicos como a farinha e outros estão aumentando assustadoramente, é claro que o resultado imediato para o indefeso seringueiro é a fome. Várias mães vieram nos pedir por amor de Deus um litro de farinha que estavam com filhos doentes e não tinha o que dar a eles.

Sente-se um grande contraste quando se chega a uma aldeia dos índios Katukina, por exemplo, e se encontra uma fartura de mandioca, bananas, abacaxis e outros produtos de seus grandes roçados coletivos.

Vejamos algumas das causas que geram essa impossibilidade dos seringueiros terem seu pequeno roçado, sua agricultura de subsistência.

a. Não tem mais aviamento - por isso tem que trabalhar na seringa ou sorva inverno e verão

"Primeiro o seringueiro trabalhava, comprava fiado o inverno todinho trabalhando na roça e no verão ele ia trabalhá na seringa pra pagá as conta. Agora eles não vendem fiado no inverno pra pagá depois. Por isso o cara tem que trabalhá o inverno todinho (na sorva, seringa ou madeira) e assim o seringueiro não pode plantá roça" (Antonio Ferreira de Souza)

O sistema de aviamento, ainda funcionando em alguns rios, e responsável pela ~~exploração~~ exploração e escravidão de tantos seringueiros, parece que pelo meos garantia a reprodução da mão de obra, alimentação e rancho, o que na atual circunstancia do Jutai não acontece gerando muita miséria e fome.

b. O produto valendo pouco e a mercadoria um horror de caro

"Antigamente era melhor porque a borracha era barata mas a mercadoria também era muito mais. Você não trabalhava tanto como trabalha hoje em dia. A gente tinha um patrão e cortava seringa de manhã, isso no verão. Quando era no inverno você ia pra casa ajeitá a casinha, fazê roça na terra firme. Hoje em dia ninguém pode pará. Mois aqui temo que trabalhá no inverno e verão forçosamente pra poder passar. Se não não dá.

E a gente ainda deve. E a gente a gente produz hoje em dia mais no inverno do que no verão. A maercadoria tá cara demaás".(Jaciento Vieira da Silva). "A carístia aqui é um horror. A borracha sobe e aqui quando vai sabê já é no fim. Tudo aqui é caro. Dizem que em todo lugar é caro mas aqui é mais do que em tddo canto"(Luis Gonzaga Daniel)

A exploração dos regatões pelo alto preço das mercadorias e o baixo valor da borracha e sorva ~~leva~~ obriga os seringueiros a trabalhar o ano todo no extrativismo, completando dessa forma o círculo vicioso da dependência e exploração.

nd., Subnutrição, anemia, doenças: o povo está sem força pra trabalhá está sem sangue

"O povo não tem força pra trabalhá. Muitos espia pro mato com vontade de botá um roçado, mas não tem coragem de derrubá um pau. Está sem sangue." (Manoel Tabosa Braga)

A má alimentação é sem dúvida uma das causas que contribuem para que a maioria da população desse rio não tenha muitas condições de enfrentar a dureza do trabalho o tempo todo, sendo acometido frequentemente de doenças, ficando sem ânimo e estímulo e coragem de tentar alternativas que o livrem dessa situação.

e. A crescente irregularidade do rio está provocando a desistência dos cultivos da praia varzea

"Você vê, anos atrás a gente fazia derrubada na varzea, esperava pra queimá, plantava aí por agosto e colhia traquilo. Hoje você derruba, tem que jogá logo a paulera fora, planta e ainda tá sujeito a ter que colher meio verde pra não perdê tudo. Porque em novembro, dezembro já dá as enchurradas(repiquetes). Mas o que Deus faiz tá bem feito."(José Teixeira)

Nesse depoimento pode se sentir ao mesmo tempo a preocupação e o conformismo do pobre seringueiro diante desse fenômeno. A fato é que isso também tem contribuído para desestimular a alguns que faziam os roçados na varzea, piorando a situação.

7. Sem órgão da classe - sindicato a maioria não sabe o que é

Com toda essa problemática seríssima certamente não será fácil qualquer ação que desencadeie uma mudança e melhoria da situação. Ao contrário, as perspectivas são de que a situação fique pior ainda para essa população. Além de tudo vemos os sorveiros e seringueiros presos nessas malhas do sistema totalmente indefesos, sem assistência ou um órgão que os ajudasse a lutar pelos seus direitos, como por exemplo o sindicato. Por isso as perspectivas parecem bastante sombrias, pelo menos a curto prazo.

8. Migração: a última saída

"Vou baixar no fim do ano, se Deus quiser, com os filho todo e a mulher. Vou lá pra Foz do Jutai. Vou ver se acho um jeito pra fazer uma casinha pra morar lá"(Nilo Lopes dos Santos) "As coisa tá muito caro, viagem! Daqui já saiu muita gente, tudo pra Manaus. Dó dos morador daqui de perto já saiu umas 20 familia."(Jacinto Vieira da Silva) "Entonces é nosso caso de nós viê desse jeito aqui peregrino. Não podemo ir pra frente....por isso que eu vou descer daqui vou pra Alvarães. Se eu me der bem não venho mais pre esse rio" (Lazaro Vieira da Costa) "O pessoal daqui nunca vai adiante. É um lugar que não é enchergado. Por isso eu vou sair aqui desse rio". (A seri nga dá, mas questão que os homens toma tudo. O camarada não pode ter condição mais...Foi por isso que eu saí do Jutai e não pre tendo voltá nunca mais".(Albino)"Os seringal não tá melhorando não. Tá cada vez pior. Aqui era um seringal de muita gente, de muita produção. ~~Só do Mutum pra cá~~ No tempo do seu Benjamim Assonso era ~~super~~ super lotado de gente. Só da boca do Mutum pra cima ele levava umas 40 a 42 toneladas de borracha por viagem, por mês. De lá pra cá só foi piorando. Os fegetão exploram muito os pobre. Uma caristia mostra. Aí o pessoal foi abandonando, abandonando, abandonando procurando a cidade. E hoje em dia tá assim despovoado como o senhor vê. A produção é muito mais pouca do que era. E se não houver melhora pra isso vai todo mundo embora daqui. Eu mesmo, se não ~~eu~~ melhorá isso voi embora com a minha familia". (Mário Jaques)

Esses depoimentos expressam um pouco do clima de angústia e ansiedade da maioria dos seringueiros) de sair do Jutai. A quase totalidade das familias que estivemos visitando esperavam poder sair depois desse fábrica (verão). Outros mais cautelosos e realistas afirmaram:"eu só não saí ainda porque não sei onde vou cair. Não tenho dinheiro pra fazer uma casinha na cidade. Por isso tenho que ficá aqui ainda."

1. MANOEL TABOSA BRAGA - Residindo na última colocação do Jutaizinho.
(PAIXÃO) É natural do Juruá, Eirunepé.

Patrões: quando eles vem é tomando o que a gente tem

"Aqui a vida é essa: nós trabalha com a nossa força. O patrão daqui não resolve nada. O que eles fazem, quando vem aqui, é tomar o que nós temos. Porque a nossa produção não dá nada. Eles não dão valor à nossa produção. Nós fica sempre arremedado. E muitos não tem (vontade de) coragem de trabalhá porque não tem força pra trabalhá. E os patrões é seu Odilon que anda por aqui, seu Daqui e tudo. Quando eles vem é tomando o que a gente tem. Tamo em falta de farinha. Eles vem, chega aqui, e se a gente tem compra que comprá um paneiro de farinha eles deixam e se não tiver eles voltam pra traia com ela e o sujeito fica sem nada.

OS POBRE DAQUI VIVE QUE NEM UNS BICHO BRUTO

Muitos não tem nada porque não tem coragem pra trabalhá. E os patrões não dão condições pra gente trabalhá. A vida mais ruim aqui é sobre isso. Mas o rio é bom, e o povo parece que não são ruim também.

Se tivesse uma pessoa que desse uma margem pra gente trabalhá eu acho que dava produção também nesse rio, e muita produção. Mas o negócio é que ninguém pode.

DOUTOR: NINGUÉM NÃO CONHECE

- Remédio aqui nesse rio é Cibalena e Melhoral. Quando trazem. Quando não trazem é os poder de Deus. Doutor ninguém nao conhece, não sabem o que é. Remédio, muitas qualidades ninguém conhece e nem sabe se existe no mundo.

PREFEITO: NINGUÉM SABE QUEM É

O prefeito que podia olhá os município, esse ninguém sabe nem quem é.

NOIS VEVE QUE NEM UNS BICHO, QUE NEM UNS CACHORRÃO.

- Quer dizer que nois vive que nem uns bicho, que nem uns cachorro jogado pelo mato. Dias nós tem nois tem uma municção pra matá uns macaco pra comê. Dias não tem nem municção pra matá um macaco. E os patrões (regatões) quando vem, às vezes nao arrancam nem um cartucho pra gente. Portanto o sujeito não pode trabalhá. O sujeito quer ir no centro tirá umas madeira, uma coisa pra um meio de vida e nao pode trabalhá porque nao tem um cartucho, uma municção que possa leva. Vai num centro desses e às vezes não tem nem uma caixa de fósforos para fazer fogo pelo mato. Não podem trabalhá, né. Passam por preguiçoso por isso.

Maid do que isso nós tem passado

ATÉ CAIXÃO DE SAÇ, ONDE SE USA O SAL DENTRO, TEM SE CORTADO MIU-
DINHO PRA COLOCÁ NAS PANELA PRA TEMPERÀ A COMINDA COM A CAIXA.

Isso tudo tem passado aqui dentro. Isso aí é um gran-
de defeito pro povo trabalhá, né. Que a pessoa sem comê sal não
tem coragem pra trabalhá.

O POVO ESTÁ SEM FÔRÇA PRA TRABALHÁ. ESTÁ SEM SANGUE.

- Isso é ruim pra nossa vida aqui. Mas que o rio é bom é: dá borra-
cha, dá madeira, dá sorva. Toda produção dá boa. Mas o povo não
tem forçã pra trabalhá. Muitos espia pro mato com vontade de botá
um roçado, mas nao tem coragem de derrubá um pau. Está sem sangue.
OS QUE TEM UM MOSQUITEIRO VELHO PRA SE BOTÁ EMBAIXO AINDA VAI. OS
QUE NÃO TEM O MORCEGO FERRA, COMO JÁ TEVE UM AQUI QUE O MORCEGO
MATOU.

Porque não pode comprá uma peça de pano pra fazer um
mosquiteiro pra dormir, né. Porque uma peça de pano aqui é dois
três milhões (antigos) que eles pedem. Se o cara não tem não pode.
Tem cara aí que tá sem sangue às vezes até por causa de morcego.
NO JURUÁ É A MESMA COISA. PARECE QUE OS PATRÃO SÃO INDA PIOR. LÁ
TEM MAIS SUJEIÇÃO AINDA.

E aqui nós trabalha livre. O ruim é esses pessoal
que vem aqui (regatão) fazê isso com a gente. Como seu Odilon que
toma o motor da gente. Ele vende o motor, toma de Ximim e vende -
pro Gelson. Aí tomo do Gelson e vende pro Moreno. E assim ele vai
enricando. Porque o sujeito dá aquelas metade às vezes do motor,
e ele toma essa metade fica com ele, isso vai dando lucro pra ele.
Não devolve mais aquele dinheiro que a gente deu. E a vida deles
aqui nesse alto é assim.

O POBRE SÓ TRABALHA MORRENDO

— É por isso que a vida aqui é assim: o pobre traba-
lha morrendo. E quando eles vem é tomando, levando o que a gen-
te tem. O nosso produto aqui não dá nada.

Jutai, 5 de março de 1979

2. LUIS GONZAGA DANIEL - Residente na Boca do Curuena (no Jutai)
Veio do Ceará em ml26. Está com 76 anos
Foi inicialmente para o Gregório (afluente do Buruá) onde traba
lhou 9 anos. Depois trabalhou no Juruá, migrando dali para o
Jutai, onde está tirando seringa a 22 anos.

"CADA VEZ TRABALHANDO MAIS E NADA TENHO

A carístia aqui é um horror. A borracha sobe, e aqui quando vai
saber já é no fim.

Tudo aqui é caro. Dizem que em todo canto é caro, mas aqui é mais
que em todo canto. Aqui não entra fiscal, não entra ninguém. Não
tem ninguém que repare por nois de jeito qualidade. Só mesmo os
regatão quando vem com uma mercadorizainha. Trazem uma mochila d e
mercadoria e levam nosso borracha tudinha.

A VIDA AQUI TEM PIORADO. AQUI NINGUÉM ENRICA

Se cai doente aqui morre à mingua. Não tem quem traga remédio. A-
gora mesmo tem um genro meu que foi picado de cobra. Tá aí com
uma perna coisa muito feia...quase morre. Nem uma penicilina pra
aplicá nele não tenho. E é homem que fais dois mil quilos de bor
racha. Vai se embora tudinho e o homem não tem nada. Assim é tu-
do aqui.

DIZIAM QUE A GENTE AQUI GANHAVA DINHEIRO DE REPENTE. MAS NADA
DISSO...

3. NILO LOPES DOS SANTOS - Mora no médio Jutai. Está com 71 anos.
Nasceu em Copatana (proximo à Foz do J.)

Começou falando do tempo da crise da borracha

"Eram uma carístia horrível. Nada tinha preço. O pessoal vivia
quase nu. E na nossa cada, eu alcalcei o tempo que nós não tinha
faca que prestasse, se não toco de tersado velho pra tratá pei-
xe. E lata pra fazê um café ninguém tinha mais, porque ninguém
comprava leite, nem banha nem nada.

TEMPO DOS ARIGÓS (NORDESTINOS VINDOS AO AMAZONAS)

Aí suspendeu o preço da borracha...foi dando até que chegou o tem
pod dos arigós. Aí a borracha foi pra cima. O primeiro preço que
marcaram aí pro algo foi de seis mil réis e depois marcaram pra
deiz. Mas também era todo tempo deiz quillo de borracha pra comprá
um paneiro de farinha.

QUANDO A BORRACHA SUSPENDE, SUSPENDE TUDO, TODA A MERCADORIA. ENTÃO FICA TUDO IGUAL. TANTO FAIZ HOJE COMO AMANHÃ

Naquele tempo que aquela companhia veio, veio muito arigó, do nordeste. Era uma animação de borracha que todo mundo pensava que ia endireitá o Amazonas. Aí chega os arigó. O que e eu vi chegá aqui foi faca, bacia, tijela e utensilio pra fazê borracha mesmo. E mais nada. E inté hoje está do mesmo jeito.

OS ARIGÓ VIERAM SE ACABÁ AQUI NO AMAZONAS. MORRERAM TUDO. ESCAPOU POUCO, POUCO MESMO.

Era uma doença horrível. Não tinha nem remédio. O remédio que tinha aqui era melhoral. Nem afebrina e metoquina não tinha nesse tempo. Era uma febre com uma inchação... não durava nada, morria tudo. Aí acabou-se com os arigó, ficou só os daqui mesmo. Seu Benjamim (Afonso) aqui era dono. Só as lanchas dele andavam por aqui. Aí ele tomou conta do rio e passou 20 anos aqui.

A situação do povo é essa: aqui só existe gente analfabeta, homens e criança... não tem nada. É só casa velha, canoa velha e tudo assim.

VOU BAIXAR NO FIM DO ANO, SE DEUS QUISER, COM OS FILHOS TODO E A MULHER.

Vou lá pra Foz do Jutai. Vou ver se acho um jeito pra fazer uma barraquinha pra morar lá. Sou doente... não posso trabalhar mais.
NO TEMPO DOS AFFONSO

- Não era bom não porque eles eram patrão e só queriam pra eles. Só davam auxilio, vendendo pros seringueiros. Mas se tivesse produto comprava e se não tivesse comprava também. Agora com o regatão, eles vendem pra receber na baixada, e às vez o freguês não arruma e lá fica devendo. Passa outro, torna a comprar e depois nao arruma produto e lá fica devendo de novo. E assim parece que é mais ruim que no tempo do patrão.

Eu penso que não vai mais ficar melhor pro seringueiro porque os patroa não deixa ficá. A borracha tá dando muito dinheiro. Nunca deu R\$ 30 e 32 cruzeiros. Mas também um paneiro de farinha tá R\$ 300,00 o paneiro, o café R\$ 120,00 o quilo....

RADIO NACIONAL

- Agora todos dia fala na Rádio Nacional de Brasilia, mas é só pro Acre. Eles animando os seringueiros pra produzir mais. O Brasil tá precisando de borracha. Mais eu penso que não vai ser essas coisa não, porque o seringueiro pra trabalhá ele já faz o maior esforço pra arrumá essa borracha que ele arruma. Eu sei que aqui no Jutai é o maior esforço. O pessoal sobe 10, 12 dente pra cortá a seringueira pra tirá 8 a 10 frascos. É o maior sacrifício. Eu penso que não vai aparecer mais do que tá aparecendo.

4. JACINTO VIEIRA DA SILVA - 55 anos, residente no rio Jutai próximo à boca do Biá.

Antigamente era melhor, porque a borracha era barata mas a mercado ria também era muito mais. Você não trabalhava muito como trabalh a hoje em dia, sabe. A gente tinha um patrão e cortava seringa de ma nhão, isso no verão. Quando era no inverno você ia pra casa, ajeitá a casinha, e gô roça na terra firme. E você ia passando o inverno fazendo besteirinha de trabalho e o patrão conduzindo mercadoria. Quando era o verão trabalhava no fábrica da seringa, pagava as des pesa e ainda tirava saldo. É por isso que eu digo que era melhor. E hoje em dia não.

NINGUÉM PODE PARA. NÓS AQUI TEMOS QUE TRABALHAR INVERNO E VERÃO FORÇOSAMENTE PRA PODER PASSAR.

Se não, não dá e a gente ainda deve. A gente produz, hoje em dia, mais no inverno do que no verão. A mercadoria tá caro demais.

OS NORDESTINOS - arigó

— Os nordestino, logo no começo que chegaram ali no Mutum morreram demais. O cara adoecia e o patrão não ligava. O arigó estranhou a região e com a doença foi se acabando. O Mutum (afluente do Jutai) ainda hoje em dia é cruel.

CADA VEZ MAIS TÁ É PIORANDO

As coisa muito caro. Virgem, aqui já saiu muita gente, tudo pra Manaus. Só dos morador daqui já saiu bem umas 20.

5. LAZARO VIEIRA DA COSTA - Nascido no lago de Tefé e residendo (Lázaro Banana) atualmente no Jutai - tem 55 anos.

Aqui o camarada trabalha tanto e nada tem. Os patrão daqui nunca ajudam o fregues. O que fazem é tirá da freguesia. Por aqui se vive, bem dizer, avoando porque os patrão nunca ajudaram nós.

AQUI É UM RIO QUE NÃO É ENCHERGADO

O rio não é enchergado do prefeito, acho de ninguém. Agora só o que querem é a produção do rio e deixá o fregues, na última hora sem nada.

Entonces é nosso caso de nós vivê desse jeito aqui peregrino. Não

NÃO PODEMOS IR PRA FRENTE. ELES NÃO DEIXAM NÓS SE APRUMÁ. SE NÓS QUE FAZÉ ALGUMA COISA ELES TOMAM DA GENTE;

Por isso que vou descer daqui, vou pra Alvarães. Se eu me der bem não venho mais pra esse rio.

PORQUE POR AQUI SÓ QUEREM MAMÁ O QUE A GENTE TEM E MAIS NADA. DEIXAR O FREGUES NU.

Se o camarada adoecer ele não tem direito a um remédio
Ele só tem direito à mata.

QUESTÃO DOS REMÉDIOS

O sujeito adoecer, e o patrão chega no porto: -que que tem? "Ah, eu tô doente". - Que doença é? "a" sua?" - A doença é uma febre, uma dor que sinto aqui do lado". - Vou lhe dar remédão.

Os remédio que eles traz do hospital, gratuito, pra dá eles fazem vende. Isso nao é um só, é todos eles. Por isso é que o pessoal daqui nunca vai adiante. É um lugar que nao é enchergado.

ENTÃO EU VOU SAIR AQUI DESSE RIO

Tempos atrais alguma coísa era melhor, sabe. Dum certo tempo pra cá e' que foi ficando cada vez pior e nada de melhorá.

6. JOSÉ TIAGO FEITOSA - veio do Ceará. Mora em Porto Antunes
velho rio Jutai. Está com 62 anos.

Acha que hoje tá tudo mais fácil, melhor que antigamente.

"Hoje em dia tá tudo mais fácil. Não existe mais ninguém prisioneiro. Tá tudo livre, tudo solto, não é. Antigamente até prisioneiro tinha. O fregues ficava prisioneiro, isso não só aqui no Jutai como em outros rio como no Itui, que eu vi. O freguês ia sofrê até de açoite.

FORMAS DE CASTIGO - TORTURA

1. ESPICHO - Era um quadro assim como de uma porta com uma argola encima e um batente embaixo. Botava o freguês aí - amarrado de pé pra riba e cabeça pra baixo. De castigo, por tantos minutos. Com uma diferença de dois dedos, um dedo, três dedos. Quando ele estica até enconstar a cabeça, aí ele era solto. Ficava lá no sol quente. E quando eles queriam matá botava logo uma posição de tres ou quatro dedos. Nunca mais que o sujeito encontrava, porque antes de encostá elê morria afogado no sangue. Era assim desse jeito.

2. ACOITE DE PAREDE - Era um de cá e outro de lá, o fregues no meio, um dava uma lapada outro já dava outra, como que pisa arrois no pilão, de dois.

E outras coisas assim, rigorosa. Hoje em dia graças a Deus tá tudo melhorado. Na pobreza tá uma riqueza. Essa judiação já acabou-se. Não tem mais ninguém preso. E porque não tá melhor?

BENJAMIM AFFONSO

Começaram a trabalhá aí no Jutai aí por 1920. Até antes de 20 eles eram pobre. Eram seringueiros. Principalmente o Benjamim, era um bom seringueiro. Agora porém o trabalho dele extraváava na bebida e no baralho. Todos os ano baixava e trazia um saldo: um conto e duzentos reis. Ele chegava aqui no inverno ia jogá e bebê. Quando era no verão ia subir e trazia outro tanto. E assim ia indo. Adepois ele achou de encontrá uma cabocla: - vou me ajuntá. Ajuntou-se com a cabocla e aí estacionou-se lá no seringal. Cortava seringa e no inverno ia pra roça. Trabalhou 8 anos. Dentro de 8 anos ele aretirou-se de lá com cinco conto de réis. de saldo. Foi morá no Capote, comprando qualquer coisa nos travessadores na beira do rio e vendendo. Foi se levantando. Adepois passou pro Mamoriá e adepois últimamente era CORONEL BENJAMIM AFFONSO. Mas começou de nada, pobre. A felicidade chegou, agora ninugém sabe quem deu.

Depois eles tomaram conta do rio ~~de~~ todo. Até houve muita morte por causa disso, deles querê tomá conta de todo Jutai. Eles eram meio brabo com o pessoal, não é. .

Parece que a brabeza foi tanta que até parece que Deus viu que não dava certo, e Deus tirou a riqueza.

ARIGÓ

-Então nessa época de 1934 (1944?), Álvaro Maia era governador, arremeteu para Benjamim Affonso 60 arigó. Quando eles chegaram aí esse homem ficou insuportável com esses arigó. Não sabia quem eram eles podiam ser uns cachaceiros, como de fato uns foram, desordeiros.

- eu não preciso de arigó com tanto manso que eu tenho pra trabalhá, esse homem manda esses arigó pra cá. Aí eles ficaram aí. Não podia aremete pra trais. Mas tinha até uns arigós bons, tinha até profissional, soldador, ferreiro. Mas tinha uns ~~de~~ de mau capacidade, bebedor de cachaça, insuportável, impertinente sobre as família.

FORAM SE ACABÁ NO MUTUM

Outros foram ser seringueiro, subiram para o Mutum. Lá andaram morrendo quase tudo, pegaram a cesão, a maheita, caia até os cabelo deles, e eles morriam aí sem enferrá. Porque morava dois treis numa casa só, e aás veis morria um, morria dois e os outro iam embora e esses acabavam de morrê e nao eram nem enterrado esse arigó. E de lá pra cá, algumas pessoas amedrontadas com os arigós, os proprios mansos que moravam na beira do rio, porque eles eram uns homens destemidos, e podia chegá e invadí as famílias. Invadi por comida, invadi por safadeza mesmo e o pessoa se arecusam dos arigó

7. AGRIPINO CAETANO DE ALIVEIRA

Morador de Copatana. Nascido e criado no Jutai.

EU SOU PÉ DURO. Trabalhei 30 anos na seringa. Sou um legítimo brasileiro.

NOIS VIVE SEM ASSISTENCIA. Aqui não dá pra enricá não. Na outra encarnação pode ser, mas nessa mesma não.

A carístia é uma cosa muito longa.

8. FRANCISCO NEVES DO ROSARIO

Mora em Copatana. Veio do Nordeste.

O QUE EU SEI DIZÊ QUE NESSE JUTAI AQUI PRA NOIS É UM CATIVEIRO.

ra cá nã tem melhora de nada. Porque nessa rádio de Brasilia dá melhora aí pra esses rio Juruá, Arus, Madeira, tudo é falado por ele, mas esse Jutai aqui é esquecido. Eles nem sabem se existe.

Houve muita morte por aqui por falta de assistência.

NO TEMPO DSS ARREGO, OS PATREO NATARAM A MAIORIA DE FOLE. Morreram de fome, meus companheiros de derrota e de desgraça. Morreu foi muito.

No Jutai aqui ninguém ganha nada. Os comerciante nã deixam, exploram e demais os pobre .

9. ALBINO -

Veio do Rio Grande do Norte, como soldado da borracha em 1942. Atualmente mora na Foz do Jutai. Nasceu em 1918

— "Em 1942 veio a ordem de destacamento; ou ir para a guerra ou pro Amazonas. Me falaram que no Amazonas se juntava dinheiro com cambite. Mas eu não alcancei isso.

Quando chegamos na capital do Amazonas, Manaus tava lá o Ramalho. Então foi ele que enviou 60 homens pra dentro do Jutai, enquanto o Benjamim Affonso era o mandao aqui dentro. Eu não conhecia esse homem. Eu vim mesmo como peregrino, sem conhecê nada. Como soldado da borracha nois tinha que fazê o que eles mandavam. Então accitemo todas as popostas.

NUO FOI COMO ME FALARAM. TUDO ERA MENTIRA. ELES ME ENGANARAM!"

Nesse Jutai eu fiquei trabalhando 20 anos, de luta, sem ganhá uns 5 centavos, sem ganhá nada. Nãa foi como me falaram. Tudo era mentira. Eles me enganaram. O negócio não deu como eu pensava. Nem condições não tinha. Quando eu me vi aperreado, sem condiça, sem coisa nenhuma, procurei uma mulher e me ajuntei. Com um ano mais aidãnte me casei.

.....Depois veio um filho de Deus que me tirou aqui do Jutai.

NAQUELE TEMPO TUDO ERA BOM

- Eu cheguei aí tudo era bom. Por um motivo era muito bom no tempo dos Affonso: o camarada passava o verão trabalhando tranquilo. Aí entregava a produção pra eles. Tudo era bom. Passava o inverno todo sem trabalhá, descansando as pernas, a vida.

Depois do Osvaldo Arante, que liberou o rio, tudo ficou dificultoso. Não deu mais pra entendê. Porque entrou muito regatão e cada qual queria arrumá o seu.

ENTROU MUITO REGATEO E O PEÃO FICOU DESARUMADO

- Então ficou é pra peão ficou desarumado, não tendo mais aquelas condição que tinha no tempo do Benjamin Affonso.

TINHA QUE TRABALHÁ INVERNO E VERÃO...TAVA QUE NEM BURRO CARGUEIRO

- Então o camarada tinha que trabalhá o inverno e verão, Tava que nem jumento, burro cargueiro. Assim tava o peão aqui: sem conhaça, dificuldade mostra, o que fazia não dava pra cobrir as despesas porque a carístia era demais. Então não dava pra entendê.

JUTAI: O RIO ESQUECIDO

- Agora essa história é importante porque, por exemplo, como vem acontecendo uns 10 anos pra cá: não tem patrão, o rio é esquecido, ninguém lembra-se dele, das autoridades maior. Então é esquecido.

Por isso eles (os regatão) "casam e batizam", fazem o que querem. Se o senhor faz um apple de borracha, duas ou três e dá 200 kl. Esses 200 kl vai resultá em 140, porque 60 eles tiram. Tiram na balança, no peso. O senhor compra umas besteiras e já acabou o dinheiro. Então não dá pra gente viver.

ARIGÓ: O QUE TÁ ERA VOCE É UMA VELA NA HORA DA MORTE

- Quando eu vim, viemos pra boca do Curuena (afluente do Jutai). Nós era 60 arigó. Nós viemos todos juntos, os amigos arigós que vinham do norte. Ficamos todos na boca do uruena. Então chegou um aí Luiz Barreto. Eu sozinho procurei logo um mando, um amazonense e me coloquei com ele. O regato do pessoal, sem canoa, sem remo, sem nada, depositaram eles lá numa casa. A cesto bateu encima deles. Então um deles foi na casa desse tal Luis Barreto e pediu um pouco de farinha, pelo amor de Deus. Ele ficou que o que tinha pra ele era uma vela na hora da morte. O pobre coitado voltou nadando. Com 15 dias passou um rapaz lá na casa dele, subindo, e viu os urubu encima da casa.

OS URUBU TAVAM FESTEJANDO ELE

- Tem novidade. Foi né, o rapaz tava morto e os urubu tavam festejando ele. Foi avisá o Luis B., e ele disse: deixa pra lá, ninguém vai enterrá ele não. O rapaz morreu e acabou. Assim não foi só ele, foram muitos. Dos 60 arigó que veio, escapou 30, e o resto se acabou na boca do Curuena. É isso que eu lhe fingo que a vida no Jutai só da nisso. E daí pra

pior, não tem mais condição de maneira nenhuma. O Affonso era bom, o velho era bom até demais, mas quem ele mandava não prestava nenhum. Os arigó se acabou tudinho, tudinho...

OS HOMENS TOMAM TUDO

- A vida do resingueiro é muito da ruim, muito preocupada, cheia de sacrifício. Os homens não dão condição pra ninguém.

Foi por isso que eu desisti do seringal. Não tinha mais condição de cortá seringa.

A seringueira era boa. A seringa dá, mas questão que os homens toma tudo, o camarada não pode ter condição mais. Porque um homem com 72 anos, com 10 filhos, fazendo 3 toneladas de borracha por fábrica, não tem condição de sair lá de dentro porque não tem dinheiro. Então essa borracha pra onde é que vai?

SÓ PODE SER ROUBADA

- Só pode ser roubada. Isso eu tô enchergando, tô vendo a situação de cada um lá de dentro.

SAI DO JUTAI E NÃO PRETENDO MAIS VOLTAR.

- Foi por isso, meu amigo, que eu saí de lá e não pretendo mais voltar. Aqui eu luto com dificuldade, com sacrifício. Trabalhando pra vê se a situação melhora. Mas até aqui não tá dando nada e daqui pra pior. Não tem situação que dê pra entendê.

Então esse pessoal é uma coisa tremenda que só ouvindo contá ninguém acredita

NO JUTAI: SE ENTRA VESTIDO SAI NU, E SE ENTRA NU LÁ ELE FICA

- Então que o Jutai, o camarada não se envolva com ele, porque se entrá pra ganhá dinheiro ele lá deixá se entrá vestido ele sai nu, e se entrá nú lá ele fica. Sem mais condição de saí, lá ele fica enterrado em qualquer boradão daqueles. Ele não tem mais condição de voltá. Mas se ele levar uma camisa, como essa que eu tenho, ou outra qualque, r, ele não volta mais com ela. Ele volta nú, e se entrá nú fica liquidado.

10. ANTONIO FERREIRA DE SOUZA

Natural de Paraíba onde veio trabalhar nos seringais do Jutai, onde mora até hoje, e onde já perdeu uns 10 filhos e uma mulher, casada no padre e teve 5 companheiras.

MUITA CESSÃO E GENTE MORRENDO À MINGUA

- Quando cheguei aqui dava muita cessão. Depois os patrão, muitos - deixavam o seringueiro na beira da canoa sem nada, aí morriam à mingua.

Comigo foram 78 arigá. Por ora tem desses só mais - 3 o resto morreu tudinho.

O coronel Banjamim Affonso, pra uns eles dizem que era ruim, pra outros bom. Pra mim foi bom

SAUDADE DO TEMPO DO PATRÃO

- Hoje em dia por um lado tá bom, por outro tá ruim porque ninguém tem patrão, né.

PORQUÊ SERINGUEIRO NÃO PODE PLANTAR ROÇA

- Primeiro ele trabalhava, comprava fiado no inverno todóinho, trabalhando na roça e no verão ele ia trablhá na seringa pra pagá as conta. Agora eles não vendem fiado no inverno pra pagá depois. Por isso o camarada tem que trabalhá o inverno todinho. E assim o seringueiro não pode plantá roça. Pode plantá só na varzea.

Agora tõe trabalhando na madeira. É duro e não dá muito. Só dá pra quem compra.

foz do jutai março/99

O DRAMA DOS SERINGUEIROS DO JUTAÍ

11. JOSÉ TEIXEIRA DE RIBAMAR - vulgo Major

Nascido e criado no Jutaí. Reside próximo à boca do Mutum.

1. MATANDO OS AFFONSO FORMAM FORMANDO SEU FEUDO: O JUTAÍ

Primeito quem era dono aqui era o falecido Nunes. Esse reingal aqui era do finado Caçula. Era o finado Tibpurcio que vinha deixá mercadoria pra ele. Aí os Affonso acharam que não tava bom, tá só fechado até a boca do Mutum, aí foram fechá na boca do Bóia. Daí da boca do Bóia abbaram que não tava bom e mandaram matá o finado Belo. Depois mandaram matá o finado Zé Ulisses e aí fecharam até na embaixo na foz.

AQUI MATAVAM GENTE POR BRINCADEIRA

- E aqui nesse rio matavam gente por brincadeira. A gente só ouvia notícia. Mataram por exemplo os tio desse menino Zé Maria. Mataram tudinho. Morreu muita gente.

2. COBRANÇA DA ARRENDA: 60 k de borracha ou 60 borrachadas

- Aí acharam que não tava bom. O velho Benjamim Affonso foi pra Manaus e deixou o Ildebrando tomando de conta, ná.

Aí foi o Ildebrando tomando de conta. Ele achô que era pouca a borracha. Aí mandô vim soldados de Manaus. Esses do lado dele vieram subindo o rio, dando pancada, cobrando 60 k de borracha de arrendo. Quem não tivesse era pra dá 60 borrachada. E assim eles vinham fazendo. Diz que o chefe, delegado era o Glicério, mas eu não cheguei vê ele.

Vieram subindo. Vinham tomando tudo. Encostavam o motor, saltavam pra terra. O pobre ia lá e lá ficava preso. Aí davam borrachada. Os que não recebiam borrachada jogavam lá no porão. Quando acabavam reparavam a mala, rebentavam tudo, aí soltavam aquela pessoa tocando um empurrão no peito fazendo o coitado daí na água ou em cima de algum toco. Aí iam embora. Assim eles foram até a cab eceira.

3. COMO PROMETERAM COBRÁ A RENDA DO "MAJOR

-Eu tava lá no ~~centro~~. Aí chegou lá uma canoa cheia de soldado. Digo - "égua que diacho, será alguma diligência que tão fazendo e já vem gente por fora e gente pelo centro.

Quando cheguei mais perto dei as hora pra todos e perguntei: - que tal, é novidade? - Não, não é novidade não, é que nós tamo cobrando renda - disse o o finado Pedro Vela. Digo - olha companheiro, todos os ano quando voceis vem cobrá renda não custa voceis faze um bilhetinho e mandá, que daí eu fazia a renda pra

voceês. Eu não sei lê, mas a Marriquinha lá do compadre sabe. E também, tem ano que voceês vem cobrá renda, depois ano ou dois não vem...E agora voceis vem já no fim do fábrico. Agora não posso fazê a reánda não. Aí esse que tava carregado de arma disse: - Ah! essa não. Tem que ser 60 k de borracha, quer teja alagado que não teja, vocêm tem que fazê 60k de borracha, é todos. Se não - bateu no seu revólver - ou prova desse, ou desse, ou desse cacetete, ou do meu fuzil. Essa viagem eu tenho que fazê uma buzina da cabeça dum. Aí digo - tá tuim!

SUBINDO: AS VIOLÊNCIAS E BARBARIDADES

- Aí Eles subiram. Diz que deram nesse Chiquênho, irmão do Chico Caroço, O rapais tava com febre e foi pedí pra eles não baterem no pai dele. Eles tacaram o pé jogando o papais na água. Ele subôu pra terra queimando em febre. Aí eles regentaram as mala, espalharam calça de mulhé até lá no terreiro...espanharam tudo. As arma que o pobre tinha carregaram tudinho. Carregaram uma espingarda do Edmundo, vizinho dele. Deixaram tudo desarumado. Como é que os pobre agora iam matá uma caça pra eles comerem?

3. A VOLTA ATÉ A MORTE

- De lá eles voltaram. Vieram tomando tudo e querendo dá panca da em todo mundo. Vinham atrais das mulhé dos outro. Aí foi que - ~~eles~~ encontraram gente esperando por eles. A primeira que tinha - aqui no São José eles saíram benzinho. Sairam ainda foi mandando. Agora lá em casa não ...Na boca do Capivari eles atracaram. Avisaram que tinha uma turma lá embaixo no Jaime, que tava esperando por eles. Uma mulher, pör nome Chica, muito puxa-seco, matô logo galinha e preparou com arroz, faendo ovos fritos...E disse - mas voces tem cuidado de não encoestá lá. Eles deram risada ainda debochando - Nóis vamo comê pra morre tudo de barriga cheia!

Tavam adivinhando, comenta o major.

Aí eles comeram e foram chegando, fazendo atracação : -Ca dē esses filhos dumas égua, bandidos, sem vergonha...agora cadê a mulher dele. Nóis vamo pegá ela e se servi dela e quando eles chegá nois damo uma pisa neşes, de 60 borrachada. Aí esse cara que disse que dava 60 borrachada e puxava a mulher pra perto de mim pra todo mundo se servi: - Ah\$ vou dar uns tiro, faiz tempo que nao dô uns tiro e ...pá....pá . Toco duas bala de fuzil no barraco e ainda falo umá bom palavreado: = ah! quem pegô uma dessas tá fodido!

Aí atracô. O rapais falô: - tá amarrado. = Ah! vamos esperá esse filho duma égua!

Aí foi o tempo que o Raimundo queimou de lá...pá.

O delegado, que devia tá escondido no porão, ainda dritô lá de dentro: - corta o cabo. Mas o desgraçado não apareceu.

Eu olhei, olhei, mas nao ví ninguém, nao achei em quem atirá, só ví lá o chaminé. Digo - vô atirá ali mesmo e.pá. Quando vi a espingarda já tava com cartucho de novo.. e pá, outro tiro no chaminé....e pá.

Quando aprô a fumaça fomo espia. Tavam lá morto o finado Pedro Vela, o Chico Pandeiro e mais 4 soldado.

5. CRIANÇA NAO SE MATA

Aí eu entrei...- lá na dispensa tem gente - um falou. Fui repa^{ra}rá. Abri a porta, aí tava lá um menino; que gritô: - ah, nao me mate. Eu disse: "Olha rapais, não tenha medo não. Por você não acon^{te}ceria nada disso.

- Vamo matá,- gritou alguém. Digo: - Ah não! O meni^{no} no tá comigo. Quem mexe com o rapais mexe comigo também. Uma crian^{ça} dessas não tinha a cabeça pra mandá gente surrá e pra nós tá numa coisa dessas. Agora nós vamo sofrê por causa de quem? por causa desses bando de troço que tavam aqui.

Aí foram conversá com o menino. Aí ele foi contando que eles pegavam o pobre, embarcavam, botavam lá no porão, se dais^{se} de cabeça pra baixo e se machucava, nem ligavam. E quando termi^{navam} davam um empurrão e jogavam ele lá na beiro do barranco.

- Voceis reparem aí no porão da embarcação, porque quem tivé lá dentro segure logo um.

- Não tem mais nada não.

≠ Não demorô, lá aparece uma cabeça.

-Olha repare aí quem já vem. Aí o Raimundo espio

- Ah, esse é o Saraiva, é muito meu amigo e tal. Deisa ele.

- Voceis é quem sabe, da menino eu me responsalizo agora desse....

6. PEGÁ NADA NÃO -

Aí seu Pedro arreou o dinheiro assim emcima do balcão. Eu me-^{dí}, tinha uma chave(tipo de medida....) só de quinhentos curzei-^{ros}, outra fil^{xa} de duzentos cruzeiros e outra de cem. Era mui^{to} dinheiro.

O Pedro Paiva tava avexado, danado pra vê se tira^{va} aquele dinheiro. Eu digo:

-Mas seu Pedro, você é um homem velho. E o senhor não tem cabeça! Não tá vendo que se tirá esse dinheiro, tirá essas coisas desse motor, vão dizê que se matou foi pra roubá. Não se tira daqui va^{lor} de uma agulha.

Nóis tava com muita fome. Digo:

-Saraiva, tu me arruma aqui um pouco dessas bolacha.

Tinha 4 caixas de bolacha aí abertas.

-Arruma umas 4 bolacha aí pra nós comê.

Aí seu Pedro foi buscá um saco desse tamanho que era pra enchê. Digo

- Não seu Pedro, não é assim não. Ninguém via enchê a barriga, se aproveitá, não, senão leva o nome de ladeão. Foi matá pra roubá. É só umas bolecha pra nós comê.

Aí o rapais puxo a caixa.

- Não rapais, não é assim não, bota só um pouquinho...

Aí fui buscá um saquinho. Ele botô umas pra mim. Digo: - Bota umas pro Preguinho. O Zeca disse: - Podê botá junto com com as do senhor, seu Manoel. Aí botô pra ele uma concha cheia. Eu disse: "Não precisava uma concha cheia, é só pouco mesmo. Aí ele botô pro compadre Darci, pra cada um um pouco. E seu Pedro queria que logo enchesse um saco. Eu digo: - Não, pode, nao assim.

7. RETÔRNO DO MOTOR ATÉ A FOZ DO JUTÁÍ

Aí eu digo: - Bom, Saraiva, vô desatá o cabo e voce acende o motor. Aí o Saraiva acendeu o motor, eu ^{soltei} empurrei o cabo e empurrei pro meio, e digo: - Quando eu empurrá pro meio voce puxa mesmo porque se essa gente baixá e te alcançá por aí voce vai pegá chumbo de novo. Eles tão sentido nesse dinheiro, nessa mercadoria que tá aí dentro.. Aí empurrei o moter pra meio do rio, e quando aprou mou assim direito, no meio, aí ele abriu o motor até o derradeiro ponto. Aí o bicho fumaceiou preto, parece até que ia voando. E não paro mais em paragem nenhuma até a Foz.

CHEGADA NA FOZ

Aí chegou na Foz, e o Gustavo (delegado) foi lá e disse pro seu Ildebrando:

-Pronto, seu Ildebrando. Está satisfeito sua vontade. Vai buscá o resto de sua renda. E o major arrematou: "é, o soldado era dele, né!

Quando o Ildebrando viu aquilo quase desmaiou.

-Pensei que voce também tivesse ficado.

8. A PRISÃO DOS SERINGUEIROS

Aí mandei os menino irem pro igarapé preto, e eu fiquei aí mesmo onde eu morava, mas fui fazê casa no centro, nas cabeceiras do igarapé.

Vio o motor do Elias, chamado "Eliana". Ele vinha zoando lá iiiiiiiiii... Eu escutei a zoada, mas o Zeca disse:

- ~~Zeca~~ Lá vem o motor. Eu disse:

-É o motor mas não é mais rendeiro nao. Esse que vim agora vocês

nao mexe, nao vão atirá, nem nada nao. Se eles virem prende, deixa eles prenderem. Ninguém vai com alteração.não.

Aí os besta foram se esconde dentro da ressaca do Japó.. Quando o motor chegô, perguntaram pro Delmiro: - Dado pessoal da-qui, do fogo?. Daí o seu Delmiro (tremendo de medo) -"Não..não sei donde eles estão.

-Ah, agora você diz aonde eles estao ou você vai preso no lugar de les.

Aí ele ensinô. O Chico Roque que era acostumado com o Jairo, mais outro soldado, aí chamô, enganô eles. Eu vinha, mais não en ganado, porque eu já sabia. - Não rapais eles querem voceis é pra conversarem lá com eles, contá como foi o caso. Aí quando chegaram lá foi pá, botaram todos no porao. Aí diz que tocaram atrais de mim. Eu tava lá no meu canto trabalhando. Passaram dois dia caçan do. Eu só via o motor uuuuuuuu. E o Chico Roque disse: - Ah, rapaz é atoa. O major, do jeito que le não sabe andá no mato já tá no Ju ruá.

Passaram dois dia caçando. Como não me acharam foram embora.

O MAJOR FOI ELE MESMO SE ENTREGÁ

Aí digo: - vou lá pra ver que motor é aquele, se já levaram o pessoal. Quando cheguei aí fora, vim aí pra onde táva o Picolé. E ele disse: - Olha rapais, o delegado que veio já levou já levou o Jaime, já levou todos preso, e vai judiando do Jaime porque o Jaime nao deu conta de ti. Eu digo:

-Ele não podia dá conta porque ele nao sabia pra onde eu estava. Não eu não tô escondido não. Eu tô cuidando do meu trabalho, que o pobre não pode vivê sem trabalhá. Tem que trabalhá pra podê vivê. Se é por isso não. Quando o motor passá eu vou bater lá. Não vou ficar escondido, com medo de que?

Quando o motor do Pedrão baixou, eu baixei nele.

Quando chegamo lá na Foz o seu Pedro ainda passou um espe cial (chingada) não Picolé por causa disso: - Que precisão você tinna de trazê o major. O que você vai ganhá com isso? Eu queria que fosse tu no lugar dele. Ele tava lá no canto dele trabalhando. Não tava precisando voce vim de lá trazê ele pra cá. Eu digo:

- Ele não me troxe nao. Eu vim porque eu quis mesmo. Porque eu tá lá escondido, com medo? E já tinha até aviso lá no Juruá, que se aparecesse lá um sujeito assim....e eu tava aí bem perto.

Aí esse Jeová tava aí na Foz e me levou até Manaus.

9. NA CADEIA

Eu não fui maltratado na viagem não. Maltratado fui na penitenciária. Me botaram 24 hs. que quando eu saí de lá a perna tava inchada, que descosturou toda a calça pra perna cábe. A pessoa que sofre de frieza como eu, que desde a idade de 13 anos cortou dentro desse chavassal, assim por dentro da água. Porque o finado papai tava doente e não podia trabalhá. Quem trabalhava era eu. Quando eu comecei cortá seringa eu era tão grande que matava um porco e não trazia o porquinho. Matava um mutum e o bicho era carga mesmo. Já vinha que não podia. A finada mamãe me ajudada. trazia o leite que eu não podia com a lara.

10. Saída DA PENITENCIÁRIA

Foram presos em consequência dessas mortes: sete seringueiros: Jaime, O Zé, Raimundo Clementino, Zé Marques, velho Pedro, João filho dele, e José Teixeira de Ribamar.

Aí pelejando o santo, pelejando o Caio Lasmar pra torá nós. Ia com um advogado, ia com outro. O Milton Figueredo, que era advogado muito bom, não deu nada, ainda foi R\$500,00 que o Jaime gastou e nada fez. Aí o Milton...disse: Ah, voçeis deixei de tá gastando dinheiro, minha gente. Fica aí que quem vai tirá voçeis sou eu. E é por esses dias. Podem trabalharem sossegado. Aí nois comecemos a trabalhá. Trabalhaemo, tsabalhemo ali no sítio dele. Quando foi um dia nós tava capiando ele mandô chamá. Nós viemo. Era pra dá os nome e fazê depoimento. Aí foi botá o dedo naquelas tinta e tacá lá no papel.

Com uns 4 dia mandô buscá nois. Agora vou lefá voçeis. Vai ter o alvará de soltura. Foi de repente, graças a Deus. Aí nois trabalhemo uma porção de dia ainda pro doutor.

11. A VOLTA AO JUTAÍ

Aí viemo pro Jutáí. Aí é que é vida. Sem aquela zoada de carro que chega doê nos ouvido da gente. De noite a gente não podia dormí. Uma hora a gente tava dormindo vinha um avião que vinha estremeendo tudo. Assim eu vim embora.

Rio Jutáí, 27 fevereiro 1979

O DRAMA DOS SERINGUEIROS DO JUTAÍ

12. JOSE/MARQUES/ MARIO JAQUES

Mora atualmente no médio Jutaí. Tem 43 anos e desde os 18 anos trabalha tirando seringa nesse rio.

Nossa luta aqui é muito sacrificosa. Eu tenho uns 32 anos de seringa aqui, trabalhando em benefício do estado. Mas nada até agora nós temos aqui.

^q
PELO MENOS UMA ESCOLA e UM POSTO MÉDICO

"Aqui nois precisava pelo menos uma escola pros nossos filhos Os meus filhos é tudo criado sem sabê nada - amalfabeto.

Se ~~h~~ ~~p~~ãe menos nós tinha um posto médico. Se um doutor viesse aqui pelo menos uma vez por ano consultá o pessoal, fazê um exame, né. Esse é um rio tão bom mas não tem recurso."

MERCADORIA MUITO CARA E A BORRACHA NÃO TEM PREÇO

"A borracha não tem preço. Agora é que tá dando um precinho - mais avultado. E a mercadoria é muito cara. A gente trabalha, luta, faz uma produçãozinha mas nada dá.

OS PEIXEIROS

"Antigamente aqui era farto. Aí começo invidí os peixeiros. Até alguns proprios seringuerios foram mostrá lago a trôco de bobagens, uns quilinhos de açúcar, querossns. Aqui eu zelo o lago e as praia. Até tartaruga sai aqui. Se eu não consegui zelá melhor é porque os comerciante invade.. Eu zelo aqui não é pra mim não. No dia que vier outro pobre aqui encontra fartura no lago, na praia.

SERINGAL+~~C~~CADA VEZ PIOR - A GENTE VIVE AQUI DE TEIMOSO

"Os seringal não tá melhorando não. Tá cada vez pior. Aqui era um seringal de muita gente, de muita produção. No tempo de sau Benjamim Affonso era super lotado de gente. Só da boca do Mutum pra cima ele levava umas 40 a 42 toneladas de borracha por viagem, por mês.

De lá pra cá pronto, só foi piorando. Entrô a regatãozada. Os co merciante explora maito os pobre. Demais mesmo. Uma carístia mostra. Am o pessoal foi abandonando, abandonando, procurando a cidade. E hoje em dia tá assim despovoado como o senhor vê. A produção é muito mais pouca do que era. E se gãõ houver uma melhora pra isso vai todo mundo embora daqui. Porque nós não temos condições aqui. A gente vive de teimoso. Eu mesmo, se não melhorá isso vou embora com a minha família

UMA FÉZINHA....SOU FILHO DE DEUS TAMBÉM

"Tô com uma fézinha que um dia chega essa ajuda aqui pra nós também. Nós também somos filhos de Deus., somos seringueiros que ~~á~~ judam bastante a pátria. O que falta aqui é uma pessoa que olha

pra isso. Porque não pode vim um posto médico por aqui, ou pelo menos vim um médico aqui uma vez por ano examiná o pessoal, consultá, como faz no Juruá e outros rio? "

ANTIGAMENTE SERINGUEIRO NEM NOME NÃO TINHA

"Antingamente seringueiro nem nome não tinha. Ninguém conhecia seringueiro. Hoje em dia já tem. Se não tem aqui, mas já tem nos outros cantos.

Nóis luta muito aqui, padre. Muito mesmo. Passa mal, alimento não tem nada. Uma carístia horrível."

REGATÃO+ EEES ENGORDANDO E NOIS CADA VEZ MAIS POBRE

"O rio é cheio de regatão, e cada qual qué ganhá mais. O senhor crê que tem regatão aqui ~~deixar~~ que entra com uma canoazinha com quatro besterinha dentro. Negocia um ano, e quando negoció um ano, no outro já compra um motor melhor. Aí no outro já compra outro mais maior, como tem acontecido com vários aqui. E nós cada vez mais pobre. E no fim acontece é que ainda falam mal da gente 'porque são uns bando de velhaco e tal. Triste deles se não fosse nós aqui. Só trabalhamos pros outro, né. Mas com paciência, como eu já disse, há de ter um filho de Deus pra olhá pra nós aqui. E graças a Deus tá aparecendo. Porque, antigamente, como acabei de dizê, seringueiro não tinha nome. Não tinha quem olhasse pra seringueiro.

Aqui anda um horror de regatão no verão, é só regatão pra cima e outros pra baixo."

13. JOSÉ MARQUES

Chegou no Jutáí em 1926, vindo do Ceará. Atualmente reside no médio Jutáí.

TEMPOS ATRAS AQUI ERA MARAVILHOSO

"Naquele tempo que eu cheguei a vida aqui era maravilhosa, era boa. Tinha muita mercadoria, os patrões eram bons. O saldo que a gente tirasse, recebia. Não tirava grandes saldos, mas sempre tirava. Se passava bem naquele tempo. Não faltava nada pro seringueiro. A gente trabalhava com mais regalia. Não tinha que tá se batendo com esse negócio de rancho. Tudo tinha em casa quando se chegava. Os patrão atendiam bem a gente. Muita mercadoria no barracão. Aqui não morria ninguém de fome não senhor! Os que viviam mal passada é porque não ligava coisa nenhuma. Os últimos patrão foram os Affonso que foram muito bom pra mim."

JUTÁÍ: RIO ESCURO

"Aqui dentro do Jutáí é tudo escuro, porque ninguém sabe nem o 'A', porque aqui não tem escola.

Esse é um rio escuro, né. Falta a atividade do prefeito, do govêrno, de mandá uma escola num rio tão comprido. Tem muita criança, tudo - criado como Deus ~~fez/a/mandi~~ plantou a batata.. Meus filhos não sa bem ser nada, nada.

A VIDA HOJE TÁ MAIS DIFÍCIL

"A vida do seringueiro hoje tá mais difícil porque os produto tá muito caro(aí passou a enumerar uma lista dos preços dos produtos que compram). Depois se a gente cai doente aqui não tem recurso, um auxilio. Vive uma situação precária.

OS PEIXEIROS ACABARAM COM TUDO

"Hoje a alimentação pro seringueiro tá difícil. Aqui tem muito lago, mas não tem peixe, porque já foi terminado. Tinha muito mas es ses peixeiros que andô aqui dentão alimparam. Em todos esses lagos fizeram bateção, botaram malhadeira. E afinal que acabaram com tudo.

NÃO TEM UMA ESCOLA

"E outra dificuldade é que não tem uma escola pra um filho aprendê, né. Aqui fica velho sem ter uma escola pro filho. Isso devido a aos prefeito, dos que não ajudam. Enquanto você tem um dinheiro na mão dele, um crédito, aí é tudo. Se faltô isso(dinheiro), chega lá e eles fazem que nem conhecessem aquela pessoa.

Aqui foi um rio que tinha muita gente, e ainda tem. Mas não tem uma escola pra educá um filho. Porque o senhor sabe que o saber hoje é que vale. Quem sabe não pega no pesado, pega no trabalho mais maneiro."

OS PATRÃO MANDAVAM MATÀ OS POBRE FREQUÊS PRA FICAREM COM O SALDO;

"Antes que eu vim acontecia dessas violências. Os patrão mandavam matá os pobre frequês pra ficarem com os saldos. Mas dos meus tempos não houve mais. Mas os antigos mandavam fazê. Quando eu cheguei aqui tinha um tal de Salustino que morava aqui pro meio. Depois tinha o Ernesto Alves, o Cornélio lá pra cima pro alto Icaraí. Esse mandava matá pra não pagá o saldo. Mas no fim mataram eles também."

Rio Jutai março 1979